

RACE, NATIONAL IDENTITY AND HISTORICAL CONTEXT IN “O OUTRO BRASIL  
QUE VEM AÍ” BY GILBERTO FREYRE, AND “BALADA DE LOS DOS ABUELOS” BY  
NICOLÁS GUILLÉN

by

VÍRNING NATANIEL MOIZINHO FERNANDES DE OLIVEIRA

(Under the Direction of Robert Henry Moser)

ABSTRACT

This thesis explores the impact of social and political contexts on the early poetic production of Gilberto Freyre and Nicolás Guillén. The research question addresses whether individuals from different countries write about similar topics due to shared life experiences. By examining the early works of Freyre and Guillen, this study argues that historical similarities create comparable responses among authors, while highlighting their distinctive social contexts. Through a comparative analysis, it uncovers thematic connections in their poetry, emphasizing shared themes of identity, oppression, and resistance. Such parallels arise from the poets' encounters with historical events and prevailing socio-political conditions, transcending geographical borders. Ultimately, this research contributes to understanding how social and political contexts shape poetic expression in the works “O outro Brasil que vem aí” and “Balada de los dos abuelos”.

INDEX WORDS: Social-political context, thematic similarities, poetry, cross-cultural resonance, historical parallels, Gilberto Freyre, Nicolás Guillén.

RACE, NATIONAL IDENTITY AND HISTORICAL CONTEXT IN “O OUTRO BRASIL  
QUE VEM AÍ” BY GILBERTO FREYRE, AND “BALADA DE LOS DOS ABUELOS” BY  
NICOLÁS GUILLÉN

by

VÍRNING NATANIEL MOIZINHO FERNANDES DE OLIVEIRA

B.A., University of Brasilia, Brazil, 2014

A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial  
Fulfillment of the Requirements for the Degree

MASTER OF ARTS

ATHENS, GEORGIA

2023

© 2023

Víring Nataniel Mozinho Fernandes de Oliveira

All Rights Reserved

RACE, NATIONAL IDENTITY AND HISTORICAL CONTEXT IN “O OUTRO BRASIL  
QUE VEM AÍ” BY GILBERTO FREYRE, AND “BALADA DE LOS DOS ABUELOS” BY  
NICOLÁS GUILLÉN

by

VÍRNING NATANIEL MOIZINHO FERNANDES DE OLIVEIRA

Major Professor: Robert Moser

Committee: Cristiane Lira  
Lesley Feracho

Electronic Version Approved:

Ron Walcott  
Vice Provost for Graduate Education and Dean of the Graduate School  
The University of Georgia  
August 2023

## DEDICATION

Dedico este trabalho àqueles que estiveram comigo ao longo dos últimos trinta anos, me apoiando nos momentos de dificuldade e incerteza, mas também celebrando as minhas pequenas e grandes conquistas. Sejam aqueles de laço sanguíneo, ou a família escolhida, agregada ao coração pelas circunstâncias da vida, eu sou produto do meio e das boas influências que tiveram em mim. Dedico este feito especialmente aos meus irmãos, sem os quais os meus projetos e “aventuras” não seriam possíveis. Obrigado por acreditarem mesmo quando eu não acreditava. Obrigado por serem quando eu não pude ser. O meu amor por vocês é imensurável.

## ACKNOWLEDGEMENTS

Agradeço ao meu professor orientador Dr. Robert Moser por ensinar pelo exemplo, sempre atento ao que o outro tem a dizer e a contribuir, incluindo a todos os alunos nos momentos de debate e construção de conhecimento, tendo empatia pelas suas histórias e experiências. Agradeço por ser o apoio que nos permite continuar, por ser a referência que queremos seguir por liderar com flexibilidade e assertividade.

Agradeço à Dr. Lira por estar sempre presente e disponível para compartilhar seu conhecimento acadêmico e profissional, permitindo aos seus alunos que estejam melhor preparados para o próximo passo. Agradeço, também, por ter sido parte do meu desenvolvimento como professor, me dando a liberdade para trabalhar à minha maneira, mas atenta ao que pode e deve ser melhorado. Obrigado por fazer de mim um profissional mais bem preparado para lidar com os percalços de uma carreira tão desafiadora.

Agradeço à Dr. Feracho por abrir meus olhos para novos horizontes, e por convidar a mim e aos seus demais alunos a conhecerem conhecidas e novas vozes da literatura latino-americana. Obrigado por nos ensinar a apreciar a intertextualidade narrativa de autores de origens distintas, e nos convidar a pensar nas similaridades e diferenças entre as suas experiências de vida.

Agradeço ao senhor e às senhoras pelo empenho e generosidade em compartilhar seu conhecimento e contribuir constantemente para o meu aprendizado.

## TABLE OF CONTENTS

	Page
ACKNOWLEDGEMENTS .....	v
CHAPTER	
1 INTRODUÇÃO .....	1
2 AS CONTURBAÇÕES DO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA NO BRASIL E EM CUBA.....	6
Identidade nacional: um projeto .....	10
A Era das Oligarquias e a Era Machado .....	13
Políticas e transformações econômicas .....	18
Cuba: queda de Machado e a ascensão de Batista.....	22
3 FREYRE E GUILLÉN – O REIMAGINAR DA NAÇÃO .....	24
Freyre – Os primeiros anos .....	26
Estudo no exterior e a expansão de horizontes .....	28
Nicolás Guillén – pioneiro da poesia afro-cubana .....	32
Primeiras produções e afluências políticas .....	34
O poeta do povo .....	37
Conexão Cuba-Harlem.....	39
4 DO VIVER PARA O ESCREVER – A PERCEPÇÃO DE FREYRE E GUILLÉN NA SUA POESIA .....	41
O olhar da elite .....	41

O sentir mestiço.....	52
5 FINAL NOTES.....	67
REFERENCES.....	72

## CHAPTER 1

### INTRODUCTION

A poesia é uma expressão profunda da experiência humana, capturando emoções, ideias e observações em versos cuidadosamente elaborados. No entanto, a criação de poesia não ocorre no vácuo; está intrinsecamente ligada ao contexto social em que o poeta existe. A sociedade, com suas crenças, valores e eventos históricos, influencia profundamente os poetas e seus escritos. Este estudo pretende explorar as formas multifacetadas pelas quais o contexto social molda as obras dos escritores Gilberto Freyre e Nicolás Guillén, destacando seu impacto em temas, estilos e perspectivas nos poemas “O outro Brasil que vem aí”, de Freyre, e “Balada de los dos abuelos”, de Guillén.

É importante destacar que há fortuna crítica ampla que estude as obras de ambos os escritores analisados neste estudo. Contudo, ainda há limitada investigação sobre a escrita poética de Gilberto Freyre, assim como justaposições com outras vozes poéticas de equivalente relevância no cânone literário latino-americano. Como Gilberto Freyre, Nicolás Guillén foi selecionado por se destacar como um proeminente poeta cubano cuja história de sua vida e a do povo de seu país se entrelaçam. Sob o enfoque analítico dos poemas supracitados, o objetivo deste manuscrito é, também, destacar como esses escritores foram precursores em utilizar a poesia como forma de exposição de suas ideologias sociopolíticas, nos permitem uma melhor compreensão sobre o efeito que o contexto histórico tem sobre o tecer da narrativa poética de cada escritor.

Em seu manuscrito historiográfico “Race, Ethnicity and Social Structure in 19th Century Brazil and Cuba” Assunção e Zeuske argumentam que Brasil e Cuba compartilham não somente o longo histórico de escravidão, mas também sua tardia abolição. Diferentemente do que se passou nas colônias francesas e inglesas no Caribe, assim como as próprias colônias espanholas continentais, Brasil e Cuba compartilham um passado singular em que o tráfico de pessoas escravizadas foi mantido pela elite canavieira até a segunda metade do século XIX (375). Essa peculiaridade no tecido histórico de ambas as nações consolidou similaridades intrínsecas a ambas as sociedades que podem ser observadas, por exemplo, na produção poética de autores nascidos no princípio de um período de mudanças e renovações, como nos poemas de Freyre e Guillén que analisamos nesta pesquisa.

Eventos históricos e transformações sociais deixam uma marca indelével nos escritos dos poetas. Na história recente, experiências de guerra, convulsões políticas ou revoluções sociais encontram sua voz na poesia, como por exemplo, a desilusão e o trauma da Primeira Guerra Mundial encontraram expressão nas obras de poetas como Wilfred Owen e Siegfried Sassoon, que retrataram vividamente os horrores do campo de batalha. Os escritos desses poetas refletem os sentimentos mais amplos de seu tempo, oferecendo comentários e críticas sociais que ressoam com os leitores de todas as gerações.

A cultura molda a maneira como os poetas percebem e interpretam o mundo ao seu redor. Cada cultura possui seu conjunto único de valores, tradições e formas artísticas que encontram seu caminho na poesia. Sejam os versos rítmicos das tradições orais africanas, os haicais da poesia japonesa ou as complexidades metafísicas dos

Ghazals persas, os poetas se inspiram em sua herança cultural. Além disso, as normas e expectativas sociais, como papéis de gênero ou divisões de classe, influenciam as perspectivas dos poetas e os tópicos que eles exploram em suas obras.

Os poetas se inspiram em sua herança cultural, incorporando símbolos tradicionais, rituais e técnicas de contar histórias em suas obras. As ricas tradições orais de várias culturas, como os griots africanos, os cantos nativos americanos ou a poesia Bhakti indiana, influenciam os padrões rítmicos, as metáforas e as estruturas narrativas encontradas na poesia contemporânea. Além disso, as normas culturais e as expectativas da sociedade moldam os temas que os poetas exploram. Por exemplo, em sociedades com papéis de gênero rígidos, os poetas podem desafiar ou subverter essas normas por meio de suas obras, dando voz a perspectivas marginalizadas ou expressando novas visões de identidade e empoderamento.

A poesia muitas vezes se torna uma ferramenta poderosa para a mudança social, refletindo a influência de movimentos sociais e ideologias. Os poetas têm historicamente desempenhado um papel vital em desafiar a injustiça, defender a igualdade e defender os direitos das comunidades marginalizadas. Os poetas românticos, por exemplo, responderam às transformações sociais e econômicas da Revolução Industrial com sua ênfase no individualismo e na beleza da natureza. Da mesma forma, poetas associados a movimentos de direitos civis, movimentos feministas ou movimentos antiguerra usaram seu ofício para lançar luz sobre questões sociais urgentes e defender mudanças transformadoras.

Os poetas, muitas vezes, se tornam a voz da dissidência, desafiando as estruturas de poder predominantes e defendendo a mudança. O movimento pelos direitos civis nos

Estados Unidos, por exemplo, testemunhou o surgimento de poderosas vozes poéticas como Langston Hughes e Maya Angelou. Sua poesia confrontava a discriminação racial, celebrava a cultura negra e clamava por igualdade e justiça. Da mesma forma, poetas feministas como Adrienne Rich ou Audre Lorde contribuíram para o movimento feminista, abordando questões de desigualdade de gênero, sexualidade e empoderamento por meio de suas explorações poéticas. Os escritos desses poetas serviram como gritos de guerra, inspirando ativismo e transformação social.

O clima político de uma sociedade influencia significativamente os escritos dos poetas. Em regimes repressivos e autoritários, a poesia torna-se uma saída para a resistência e um meio para desafiar as estruturas de poder opressivas. Os poetas podem empregar metáforas, alegorias ou linguagem simbólica para escapar da censura enquanto transmitem suas mensagens divergentes da imposta pelo regime ditatorial. As obras de poetas como Anna Akhmatova, na Rússia Soviética, ou Nâzım Hikmet, na Turquia, demonstram a resiliência da expressão poética diante da repressão política. Poetas podem arriscar sua segurança pessoal para dar voz aos silenciados, expondo as duras realidades de suas sociedades e preservando uma memória coletiva de resistência.

Essa interconectividade multitemática levou ao surgimento de novas formas poéticas, à experimentação da linguagem e à fusão de diferentes influências culturais. Os poetas, ao longo da história, navegam pelas complexidades de um mundo de rápidas mudanças, lidando com questões como a reorganização de poderes hegemônicos, as preocupações sociais e raciais, e a erosão dos valores tradicionais, que encontram expressão em suas obras.

Sendo assim, a influência do contexto social na escrita dos poetas é multifacetada e profunda. Eventos históricos, herança cultural, movimentos sociais, clima político e avanços tecnológicos moldam os temas, estilos e perspectivas encontrados na poesia. Ao examinar a interação entre sociedade e arte, obtemos uma compreensão mais profunda do poder da poesia como reflexo da experiência humana e catalisador de mudanças.

Para que possamos entender a intrínseca relação entre contexto e escrita, este estudo primeiramente revisita os desdobramentos históricos sucedidos tanto no Brasil quanto em Cuba nas décadas precedentes ao seu nascimento, durante o período de formação acadêmica e intelectual, até o momento que começam a expressar suas próprias ideias por meio da poesia. Então, no capítulo seguinte, focaremos em como que cada escritor teve a sua vida moldada por tais acontecimentos históricos, aprendendo sobre suas vidas e o legado que a herança cultural comum ao Brasil e a Cuba deixou em Freyre e em Guillén. Uma vez estabelecida uma visão panorâmica do contexto de cada escritor e seus respectivos países, analisaremos o efeito que o viver específico de cada um se transcreve para a construção da narrativa poética em “O outro Brasil que vem aí,” de Freyre, e “Balada de los dos abuelos,” de Guillén.

## CHAPTER 2

### AS CONTURBAÇÕES DO PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA NO BRASIL E EM CUBA

O período histórico entre meados dos anos 1800 e as primeiras décadas dos anos 1900 foi marcado por mudanças profundas nas Américas. O grande movimento de independência das colônias de seus exploradores europeus havia ganhado impulso pela recente e bem-sucedida batalha travada entre as colônias norte-americanas e o império britânico, estimulando movimentos de desconexão com a matriz colonial por todo o continente. O trauma colonial deixado na memória e nos corpos das pessoas destas jovens nações que nasciam nas Américas clamava pela construção coletiva de novas formas de se enxergar o espaço físico e ideológico ao seu redor.

Brasil e Cuba, por exemplo, tiveram processos de independência distintos, com mais de meio século de distância temporal, mas não estavam alheios ao sentimento de renovação que se passava na região. O corte do cordão umbilical colonial se fazia cada vez mais urgente, demanda de povos que rechaçavam referências coloniais opressoras e buscavam novas diretrizes sociais e culturais. No Brasil, o fim do século XIX e início do século XX foram marcados pela busca da criação de um novo imaginário nacional, que daria suporte à nova identidade nacional, renovadora e aglutinadora das regiões do país. Em Cuba, após múltiplos episódios de sangrentas batalhas cooperadas com forças armadas estadunidenses contra a coroa espanhola, o país se via independente de sua

matriz colonial europeia, mas ainda sob forte influência das elites locais e internacionais, que usaram força de batalha negra para o próprio interesse.

É nesse contexto que, no tecer da herança histórica do Nordeste brasileiro, surgiram movimentos políticos e intelectuais para a construção de uma nova estética cultural e social do Brasil que reafirmasse os elementos nacionais em comum, em contraposto aos ideais portugueses sobressalentes até então. A proposta original era lançar mão de referências das diversas regiões brasileiras para se construir uma imagem plural, diversa, inclusiva e unificada. Contudo, o processo foi encabeçado e idealizado por membros das elites locais, mesmo que entre os seus integrantes estivessem representantes das demais regiões do país. O resultado, portanto, não se provaria integrativo e equalizador como se propunha (Albuquerque Jr. 45).

A obra intelectual e poética do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre é um exemplo de como o uso de elementos da história e do folclore brasileiro foram utilizados sob a justificativa da criação de um imaginário diverso, mas que de fato invisibiliza a relevância de personagens oprimidos na história da construção do Brasil, além de advogar pela harmonia entre povos que não detinham igualdade de influência nos âmbitos social, político e cultural. Permeia, em sua obra, o mito da mestiçagem como grande trunfo solucionador das desigualdades, que deveria ser celebrado e incentivado. O mítico paraíso racial celebrado na obra de Freyre não seria mais que um acobertador das atrocidades cometidas contra africanos, indígenas e afro-brasileiros ao longo dos séculos, desde a chegada dos europeus nas Américas. A exaltação da mestiçagem presente nesse grande projeto de renovação do imaginário-discursivo da identidade

nacional brasileira havia, portanto, se tornado um novo mecanismo replicador dos ideais coloniais, em que se prega uma harmonia sociorracial postiça.

Em Cuba, o processo de descolonização europeia foi armado, travado por graves batalhas contra a coroa espanhola. Os conflitos foram lutados, em sua maioria, pelos braços negros escravizados pelas elites locais – que receberam apoio militar e treinamento dos Estados Unidos. Assim como no Brasil, havia a promessa de construção de um novo país mais igualitário, racialmente inclusivo, onde negros e mestiços seriam celebrados com a liberdade e a oportunidade de desenvolvimento social para todos. Entretanto, o que ocorreu no período pós-independência espanhola foi o retorno dos padrões de opressão da matriz colonial por meio da instauração de um novo modelo colonial americano, além da institucionalização do separatismo sociorracial, desta vez impostos pela elite local, com respaldo político americano. Mais uma vez, afro-cubanos e mestiços haviam sido usados como instrumentos da elite branca em prol de seus próprios interesses.

A obra de Nicolás Guillén, autor cubano de origem mestiça, se contrapõe à aceitação dos mecanismos de opressão impostos tanto pela matriz colonial, como pelas elites locais, e relativiza a aceitação de uma identidade nacional dita pela elite. Embora se aproxime da celebração da mestiçagem racial também promovida por Gilberto Freyre, Guillén evoca as suas ancestralidades e questiona o seu pertencimento àquela nova sociedade que se construía, mas não os incluía. Em “Balada de los dos abuelos,” sua criação poético-discursiva introspectiva contrapõe a avassaladora realidade dos fatos com a história que lhes foi contada sobre quem são, além de questionarem suas origens ancestrais em oposição à identidade que lhes foi imposta neste novo lar, Cuba.

O objetivo deste estudo investigativo é indicar que, apesar das semelhanças temáticas ao tratar o processo de construção de identidade nacional no Brasil e em Cuba, existem diferenças fundamentais nos fatores motivadores para o início do processo de lapidação imagético-discursiva do Nordeste brasileiro pela poética de Freyre, em contraponto ao movimento de busca e construção de identidade nacional em Cuba pelos versos de Guillén, observando-se recortes de produção literária dos autores, relatos históricos, e textos críticos escritos em ou ambientalizados entre o fim da década de 1920 e meados da década de 1930.

O Nordeste brasileiro se verá evidenciado neste estudo e justaposto à experiência cubana devido à proximidade histórico-geográfica da região brasileira ao país caribenho quando observadas as rotas de migração étnico-raciais utilizadas pelo tráfico escravista. Além disso, há similaridades geográficas e na simbologia histórica das regiões de natalidade dos autores selecionados, o Nordeste no Brasil e Camagüey em Cuba, no processo colonizatório pelas coroas espanhola e portuguesa durante séculos de apagamento de culturas africanas, que mercantilizaram ambas as regiões por meio da exploração de trabalho não-remunerado em plantios de mercadorias para exportação, e as consequências de tal apagamento na memória coletiva de jovens nações que buscam se reconhecer e estabelecer raízes independentes de suas matrizes coloniais.

Para melhor analisarmos as diferenças no caráter motivador de cada um dos autores, é preciso mergulhar no recorte temporal entre a década de 1920 e meados de 1930. Tanto em Cuba quanto no Brasil, emergiram movimentos líricos e narrativos que extrapolavam as fronteiras de países, colônias e territórios, e que buscavam agrupamento em torno de um espaço maior. Sob a nova ótica, o espaço perdia dimensão

geográfica, e se tornaria histórico, ancestral, artístico, identitário e mítico. O recorte regional seria subordinado ao processo de unificação, evidenciando diferenças étnicas e raciais até então mascaradas pela pressão hegemônica colonial.

### **Identidade Nacional: Um projeto**

A ideia de construção de uma identidade nacional unificada baseava-se no pressuposto que cada região latino-americana poderia compilar suas características comuns, para contribuir com a construção de uma imagem plural e diversa, extensivamente abafada pelos poderes coloniais. Contudo, Durval de Albuquerque Jr. argumenta que, no Brasil, a aglutinação cultural se tornou um conflituoso processo em que grupos de esferas políticas e socioeconômicas dominantes fagocitavam heranças culturais que consideravam inferiores, gerando invisibilizações e criando estereótipos de valor que, em vez de refutar os ideários coloniais, os replicava sobre uma nova e ilusória imagem de renovação (Albuquerque 119).

Cuba, uma das principais regiões de assentamento europeu e protagonista em plantação de cana-de-açúcar e uso de mão de obra escrava, se via entre a disputa de poder de grandes potências europeias e do vizinho norte-americano, além de consequentemente ter se tornado uma das principais rotas de navegação de navios negreiros que traficavam pessoas de tribos e reinos africanos para o Novo Mundo. O desenvolvimento de um senso de nação e o desejo de unidade nacional que germinava nas colônias foram motrizes para sangrentas batalhas por libertação. Como exemplo, vemos as duras guerras travadas contra as forças militares espanholas até conquistarem a vitória sobre os colonizadores com aliança estadunidense, já no fim do século XIX.

A participação negra foi imprescindível para a vitória cubana na disputa pela independência. Em busca da construção de uma nova nação, igualitária e colaborativa entre todos os que lutaram pela independência, os Mambises se organizaram em batalhões que lutaram lado a lado com guerrilheiros brancos cubanos. A perspectiva de experimentar a paz, a autodeterminação de viver em liberdade, a possibilidade de construir uma nova narrativa nacional levaram dezenas de milhares de afro-cubanos à morte durante a Guerra de Independência (1895-1898). O desenlace, entretanto, seria outro.

“A paz mudou tudo” escreveu Louis A. Pérez Jr. no *The Hispanic American Historical Review* (511). As juntas criadas para agrupar forças de batalha para as guerras de independência foram rapidamente desmanteladas, o governo provisório foi dissolvido por agentes estadunidenses que buscavam controlar os resultados da posterior eleição, e o Exército de Liberação, sucateado. A história se repetia, os afro-cubanos passavam novamente por um apagamento.

Em uma tentativa de ajustar os problemas que emergiam na nova república, Evaristo Estenoz e aliados criaram o Partido Independiente de Color, mas foram prontamente impedidos de seguir seus planos de busca por equidade com a implementação da Lei Morúa, que baniu partidos políticos que fizessem referências a raças ou classes sociais. A resposta da elite branca à busca de visibilidade por parte dos afro-cubanos foi o massacre de 1912, incitado por veículos de comunicação que impiedosamente difamavam negros cubanos, e os associavam a um provável insucesso da nova república (Pérez 512).

A Guerra de Raças de 1912 havia deixado grandes impactos negativos aos progressivos avanços alcançados por afro-cubanos com a independência. A supressão dos movimentos radicais afro-cubanos os forçou a buscar outras formas de política e expressão, por não terem acesso a vias de mobilização social em massa (Pérez 530).

Comparativamente, dentro das fronteiras brasileiras, o Nordeste como o vemos hoje nem sempre esteve ali. Assim como as demais regiões que dividem o Brasil, o Nordeste foi criado a partir de ideias, ações e políticas públicas que buscavam unificar um conjunto de estados federativos. Segundo Albuquerque Jr., em seu livro *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*, a região teria sido modelada com o intuito de promover uma identidade nacional unificada que servisse ao interesse de quem detinha o poder para fazê-lo, com o objetivo de alcançar as ideias para um projeto de Brasil pós-colonial que se desenhava no fim do século XIX e início do século XX. Para o autor, o Nordeste seria, portanto, um conceito (120).

O processo de invenção do Nordeste germinou-se com a crise acentuada do antigo Norte. O declínio evidente da hegemonia da região se dava pela baixa na produção de cana-de-açúcar e algodão, contraposto às novas fontes de riquezas produzidas no centro-sul do Brasil que produziam-no período se solidificavam como produtores de café e de onde se extraíam minérios valiosos, gerando um movimento reacionário no, então, Norte Oriental, que desafiava a ideia da modernização que ocorria em outras partes do território nacional.

Com a nova distribuição interna de poderes econômicos e administrativos, a abolição da escravatura em 1888, e constantes mudanças tecnológicas trazidas ao continente reverberantes da Revolução Industrial europeia nas primeiras três décadas

do século XX, nascia, também, a latente necessidade de se criar uma identidade popular nacional tanto no Brasil, quanto nas demais nações latino-americanas e caribenhas. Floresciam, nessas regiões, projetos de jovens nações unificadas que tentavam evitar conflitos internos, ou mesmo o desmembramento dos ideários de independência que os livrara do controle europeu.

É nesse contexto que nasceram o brasileiro Gilberto Freyre, em 1900, e o cubano Nicolás Guillén, em 1902. Entender as nuances e o impacto que cada desdobramento histórico teve na vida de cada um dos autores analisados neste estudo é o alicerce para diferenciarmos os fatores motivadores de sua escrita, nos permitindo refletir sobre quais influências podemos ressaltar em “O outro Brasil que vem aí” de Freyre, e “Balada de los dos abuelos” de Guillén, e a qual camada social serviam a mensagem que disseminavam. Sendo assim, direcionamos nosso olhar para o impacto que cada desdobramento histórico teve sobre o desenvolvimento interpessoal de cada autor.

### **A Era das Oligarquias e a Era Machado**

No Brasil, durante o período de 1920-1940, o país foi caracterizado pelo domínio das oligarquias regionais. O poder político estava concentrado nas mãos de uma pequena elite, representada principalmente por cafeicultores dos estados de São Paulo e Minas Gerais. Essas oligarquias controlavam a máquina política, garantindo seus interesses e perpetuando seu governo. O sistema político era marcado pelo clientelismo, no qual favores políticos e patrocínio eram trocados por lealdade e apoio.

A influência da elite cafeeira na política brasileira não podia ser ignorada. A expansão da produção e exportação de café trouxe enormes riquezas ao país, tornando o Brasil o maior produtor de café do mundo em tais décadas. As elites cafeeiras detinham poder

econômico significativo, que se traduzia em influência e intervenção política. Eles usaram sua riqueza para manter o controle sobre o governo, promovendo políticas que favoreciam seus interesses comerciais.

Ao lado das oligarquias, os militares também tiveram um papel significativo na política brasileira nesse período. Os militares tinham um forte senso de nacionalismo e se viam como guardiões da estabilidade e da ordem da nação, ressonantes às forças coloniais de outrora. Contudo, foram forças militares que intervieram na política brasileira para desafiar o regime oligárquico e pressionar por reformas, como na Revolução de 1930 (Schwarcz e Starling 198).

Em Cuba, as décadas de 1920 e 1930 foram marcadas pelo governo de Gerardo Machado, que foi presidente de 1925 a 1933. Machado chegou ao poder por vias eleitorais, mas rapidamente consolidou seu governo por meio de medidas autoritárias. Seu regime suprimiu a dissidência política, cerceou as liberdades civis e concentrou o poder em suas mãos. A agitação social e política caracterizou grande parte da era Machado em Cuba.

A classe trabalhadora, estudantes, intelectuais e outros setores da sociedade se viram exponencialmente mais descontentes com o regime opressor, gerando greves trabalhistas, protestos estudantis e movimentos de oposição, exigindo mudanças políticas e justiça social. A oposição ao governo de Machado era diversa e incluía democratas liberais, comunistas e até mesmo alguns integrantes da classe média e da elite empresarial. O Partido Comunista Cubano ganhou influência nesse período e desempenhou um papel significativo na organização de greves e na mobilização dos trabalhadores contra o regime de Machado (Ayala 101).

No Brasil, a década de 1920 testemunhou um despertar cultural conhecido como "Semana de Arte Moderna". Este evento marcante, realizado em São Paulo em 1922, reuniu artistas, escritores, músicos e intelectuais que buscavam desafiar as convenções artísticas tradicionais e abraçar novas formas de expressão.

A Semana de Arte Moderna representou uma rejeição ao academicismo e a celebração de movimentos de vanguarda como cubismo, futurismo e expressionismo. Artistas como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade introduziram ideias e estilos inovadores, refletindo a mudança do cenário social e político do Brasil.

O impacto da Semana de Arte Moderna se estendeu além do escopo da arte, despertando debates sobre identidade nacional, autenticidade cultural nacional, e o papel da arte na sociedade. As ideias modernistas influenciaram a literatura, a arquitetura, a música e o teatro, contribuindo para a formação de uma distinta identidade cultural brasileira (Schwarcz e Starling 223).

Em Cuba, as décadas de 1920 e 1930 testemunharam um renascimento da expressão cultural afro-cubana e um crescente reconhecimento das contribuições da herança africana para a sociedade cubana. Esse movimento cultural, conhecido como Afrocubanismo, cuja participação de Guillén foi imprescindível, visava resgatar e celebrar as raízes africanas e desafiar as hierarquias raciais.

O afrocubanismo englobava várias formas artísticas, incluindo música, dança, literatura e artes visuais. Músicos como Ignacio Piñero e Miguel Matamoros incorporaram ritmos e melodias africanas em suas composições, dando origem ao gênero distinto da música afro-cubana. Escritores como Nicolás Guillén exploraram

temas de identidade racial e discriminação em sua poesia, contribuindo para uma tradição literária afro-cubana mais ampla e inclusiva.

Além disso, o envolvimento de Cuba com o Renascimento do Harlem nos Estados Unidos durante esse período teve um impacto profundo nos diálogos transculturais. Artistas e intelectuais cubanos, como José Antonio Aponte, Fernando Ortiz, e Nicolás Guillén estabeleceram conexões com artistas afro-americanos, como Langston Hughes, fomentando um diálogo transnacional sobre raça, identidade e expressão artística.

O Renascimento do Harlem foi um movimento cultural e intelectual centrado no bairro do Harlem na cidade de Nova York que teve sua primavera nos anos de 1920, e teve uma influência significativa nas obras de Nicolás Guillén, então um jovem poeta cubano. O Renascimento do Harlem foi um período de florescimento artístico e intelectual entre os afro-americanos, caracterizado por uma celebração e exploração da cultura, história e identidade afro-americana. O movimento reuniu escritores, músicos, artistas e intelectuais que buscavam desafiar os estereótipos raciais e promover uma imagem positiva dos afro-americanos depois do momento histórico chamado de Reconstrução dos Estados Unidos – quando a sociedade estadunidense se reestruturava no pós-Guerra Civil.

Em seu ensaio “The Negro Artist and the Racial Mountain,” Langston Hughes, um dos fundadores do movimento, conta que, em uma conversa com um promissor e jovem poeta negro – provavelmente se referindo a Countee Cullen – ouviu deste que “queria ser um poeta, mas não um poeta negro.” (1). Hughes discorre sobre essa conversa, dizendo sentir muito pelo poeta em questão, uma vez que nenhum grande poeta teve medo de ser quem era. Hughes segue seu pensamento afirmando que duvida que o

jovem venha a se tornar um grande poeta, dado seu desejo de se afastar espiritualmente de sua raça. Contudo, o poeta admite que, de fato, há uma “montanha” erguida em frente a qualquer artista afro-americano, pois na sociedade estadunidense havia uma corrida de embranquecimento, cujo único objetivo é dissolver as individualidades raciais para se moldarem à padronização majoritariamente branca norte-americana.

Por meio da proximidade e influência exercida por Hughes, o Renascimento do Harlem teve um impacto profundo no movimento cultural de valorização das heranças africanas na cultura cubana, o Afrocubanismo. Guillén, uma das principais figuras arroladas a esse movimento, em sua poesia, apresentava seu envolvimento com os temas e ideias emergentes do Renascimento do Harlem, explorando questões de identidade racial e as experiências dos afrodescendentes em Cuba. Guillén procurou desafiar a discriminação racial e promover um retrato positivo da cultura afro-cubana e mestiça. A obra poética de Guillén frequentemente celebrava a beleza, resiliência e contribuições dos negros, com o objetivo de incutir um sentimento de orgulho e autocapacitação.

O Renascimento do Harlem esteve intimamente associado ao desenvolvimento da música jazz, que se tornou uma importante expressão cultural da experiência afro-americana. O jazz foi caracterizado por sua improvisação, ritmos sincopados e energia radiante. A poesia de Guillén inspirou-se no jazz e incorporou elementos musicais em seus versos. Seu uso de padrões rítmicos, repetição e linguagem lírica capturou a essência da música jazz e contribuiu para a musicalidade de sua poesia.

O movimento não foi apenas artístico, mas também uma plataforma para comentários sociais e políticos. Escritores e intelectuais afro-americanos usaram suas

obras para abordar questões de desigualdade racial, injustiça social e discriminação. Guillén, influenciado por esse espírito ativista, infundiu sua poesia com temas sociais e políticos. O poeta destacou as lutas e aspirações dos afro-cubanos, pediu igualdade racial e criticou as injustiças sociais predominantes na sociedade cubana.

O período também testemunhou intercâmbios e conexões transnacionais entre artistas e intelectuais afro-americanos e seus colegas em outras partes do mundo. Guillén estabeleceu conexões com escritores e artistas afro-americanos, como Langston Hughes e Countee Cullen, durante suas viagens aos Estados Unidos. Essas interações ampliaram a compreensão de Guillén sobre raça, cultura e possibilidades de expressão artística. Eles também contribuíram para o desenvolvimento de uma consciência afro-diaspórica mais ampla na poesia de Guillén.

### **Políticas e Transformações Econômicas**

A economia do Brasil durante o recorte de 1920-1940 era fortemente dependente da produção e exportação de café. A indústria do café alimentou o crescimento econômico e trouxe uma riqueza significativa para o país. No entanto, a dependência excessiva do Brasil de uma única *commodity*, ou mercadoria, tornou sua economia vulnerável a flutuações nos preços internacionais do café.

Para mitigar essa vulnerabilidade e promover a diversificação econômica, o Brasil empreendeu esforços de industrialização. O governo implementou políticas para atrair investimentos estrangeiros, principalmente em projetos de manufatura e infraestrutura. Centros industriais, como São Paulo e Rio de Janeiro, experimentaram rápido crescimento, com o surgimento de fábricas, urbanização e uma crescente classe trabalhadora.

No entanto, a industrialização no Brasil foi desigual e marcada por grandes disparidades socioeconômicas. A classe trabalhadora enfrentava más condições de trabalho, baixos salários e direitos trabalhistas limitados. As áreas tradicionalmente rurais, como a região Nordeste do território brasileiro, fortemente dependentes da agricultura, ficaram para trás em termos de desenvolvimento, agravando as desigualdades sociais.

No mesmo período, a economia de Cuba era fortemente dependente da produção e exportação de açúcar, destacando-se a produção açucareira da província de Camagüey. O açúcar era a espinha dorsal da economia cubana, respondendo por uma parcela significativa de suas receitas e divisas internas. No entanto, essa dependência da monocultura do açúcar tornou a economia cubana vulnerável a fatores externos, como flutuações nos preços globais do açúcar e a influência de empresas estrangeiras, principalmente americanas e europeias.

Os investimentos estrangeiros desempenharam um papel crucial na indústria açucareira cubana. Decorrente da instauração de um modelo neocolonial estadunidense após a independência da coroa espanhola, as empresas americanas possuíam grandes plantações de açúcar e controlavam a produção, processamento e distribuição do produto. Essa dependência econômica de interesses estrangeiros e a presença de empresas estrangeiras tiveram implicações de longo alcance para a soberania e autonomia econômica de Cuba.

Os esforços para diversificar a economia cubana e reduzir a dependência do açúcar foram limitados. A indústria açucareira permaneceu dominante, sufocando o desenvolvimento de outros setores nas províncias rurais do país, em contraponto ao

rápido desenvolvimento comercial da capital, Havana. A falta de diversificação econômica contribuiu para as desigualdades sociais e econômicas, a imposição de entraves econômicos por países estrangeiros impediu o crescimento sustentável de longo prazo.

No Brasil, as décadas de 1920 e 1930 testemunharam um crescente descontentamento entre segmentos de militares e intelectuais progressistas com o regime oligárquico e as disparidades socioeconômicas. Os tenentes, um grupo de oficiais militares subalternos, emergiram como uma imponente força de oposição, defendendo reformas políticas e sociais.

O movimento tenentista, também chamado de tenentismo, criticava o controle das oligarquias sobre o poder político durante a Primeira República, a falta de reformas sociais e a corrupção arraigada na política brasileira. Os militares pediam uma governança mais inclusiva e participativa, representando os interesses da classe média, trabalhadores e populações rurais. O ponto culminante dessas tensões ocorreu em 1930, quando uma coalizão de militares dissidentes e elites regionais, apoiada pelos tenentes, orquestrou um golpe que derrubou a velha ordem oligárquica regente. Esse evento, conhecido como Revolução de 1930, marcou uma virada na política brasileira e levou à ascensão de Getúlio Vargas à presidência, que estabeleceu um regime marcado pelo autoritarismo.

Em Cuba, o regime de Machado enfrentou significativa oposição de vários setores da sociedade. A classe trabalhadora, estudantes e intelectuais estiveram na vanguarda dos protestos e resistência contra o governo autoritário de Machado.

Os movimentos estudantis desempenharam um papel crucial no desafio ao regime, quando estudantes universitários organizaram protestos, greves e manifestações, exigindo reformas políticas, liberdade de expressão e políticas de igualização social. Tais movimentos liderados por estudantes tornaram-se cada vez mais radicalizados, influenciados pelas ideologias comunista e socialista advindas do Leste Europeu.

A oposição ao governo de Machado culminou em uma greve geral em 1933, que paralisou o país e forçou Machado a fugir para o exílio. No entanto, a queda de Machado não trouxe estabilidade a Cuba. Em vez disso, abriu caminho para um vácuo de poder e uma série de convulsões políticas que culminaram na ascensão de Fulgencio Batista, um ex-sargento do exército que dominaria a política cubana nas duas décadas seguintes.

A Revolução de 1930 no Brasil marcou o início da era Vargas, um período de governo autoritário que durou até 1945. Getúlio Vargas implementou uma série de reformas, buscando modernizar o Brasil e consolidar seu poder. Seu governo, contudo, introduziu legislação trabalhista, estabeleceu programas de bem-estar social e promoveu a industrialização (Schwarcz e Starling 237).

A era Vargas teve um impacto duradouro no cenário político, social e econômico do Brasil. As políticas populistas de Vargas e o estilo de liderança carismático moldaram a política brasileira nos anos seguintes. O período testemunhou o surgimento de um movimento trabalhista mais proeminente e o fortalecimento da influência política da classe trabalhadora, gerando reflexos expoentes na produção acadêmica e artística da geração. Além disso, os esforços de industrialização de Vargas lançaram as bases para o subsequente crescimento e diversificação econômica do Brasil. As políticas adotadas durante a era Vargas prepararam o terreno para a abordagem desenvolvimentista que

caracterizaria as estratégias econômicas do Brasil nas décadas seguintes, além de servirem de base para a busca da construção identitária nacional.

### **Cuba: Queda de Machado e a Ascensão de Batista**

A ascensão de Fulgencio Batista ao poder em Cuba após a queda de Machado preparou o terreno para um prolongado período de ditadura e repressão política. Batista ficou conhecido após o golpe denominado como Revolta dos Sargentos de 1933 – conflito armado liderado por uma minoria rebelde do Exército, em Havana, comandado pelo então sargento Fulgêncio Batista, com a intenção de destituir o governo provisório de Carlos Manuel de Céspedes y Quesada. Assim, Batista nomeou-se chefe das Forças Armadas com o posto de coronel e estabeleceu uma junta governativa conhecida como “Pentarquia”.

Batista manteve o controle de diversos presidentes provisórios entre 1934 e 1940, quando o então presidente Federico Laredo Brú renunciou, em 1940. Com isso, Batista concorreu como candidato pela Coalizão Socialista-Democrata nas eleições de 1940, sendo eleito presidente, inaugurando seu mandato em 10 de outubro de 1940. Batista governou Cuba com mãos de ferro, suprimindo a oposição, restringindo as liberdades civis e mantendo laços estreitos com os interesses comerciais dos EUA.

Finalmente, a jornada comparativa do Brasil e Cuba de 1920 a 1940 fornece informações valiosas sobre a dinâmica sociopolítica e econômica dessas duas nações durante um período de transformação. O governo oligárquico do Brasil e os desafios colocados pelos militares e pelo movimento dos tenentes levaram à Revolução de 1930 e à subsequente era Vargas. Cuba, sob o regime opressor de Machado, experimentou

agitação social e movimentos de oposição que prepararam o terreno para a ascensão de Batista ao poder que culminariam posteriormente, na Revolução Cubana.

A exploração de movimentos sociais e expressões culturais revelou as maneiras únicas pelas quais Brasil e Cuba buscaram moldar suas identidades nacionais. O movimento modernista do Brasil e a exploração da identidade afro-cubana de Cuba demonstraram aspectos distintos de suas respectivas culturas. Economicamente, o Brasil buscava a diversificação por meio da produção e industrialização do café, enquanto a forte dependência de Cuba da monocultura do açúcar criava vulnerabilidades a influências externas. Os desafios políticos destacaram ainda mais os caminhos divergentes tomados por Brasil e Cuba, com o Brasil passando por uma mudança significativa na governança, enquanto Cuba experimentou ditadura prolongada e oposição crescente.

Entender as dinâmicas sociopolíticas e econômicas do Brasil e Cuba durante este recorte de tempo fornece uma compreensão mais profunda das complexidades, desafios e legados que continuam a moldar essas nações hoje. As experiências de Brasil e Cuba de 1920 a 1940 ressaltam a importância do contexto histórico na compreensão da obra de Freyre e de Guillén, nos permitindo enveredar pelos alicerces de seus respectivos caminhos de desenvolvimento.

## CHAPTER 3

### FREYRE E GUILLÉN – O REIMAGINAR DA NAÇÃO

Há muito, a poesia é considerada um meio eficaz para expressar emoções, ideias e experiências humanas. Além de seu apelo estético e qualidades líricas, a poesia tem o potencial de moldar e reforçar um senso coletivo de identidade. A poesia serve como um meio para preservar e expressar a língua e o patrimônio cultural de uma nação. Os poetas se utilizam das nuances de sua língua ou dialeto nativo, empregando características linguísticas, expressões idiomáticas e metáforas únicas que estão profundamente enraizadas no tecido cultural de sua sociedade. Ao fazer isso, eles não apenas mantêm o idioma vivo, mas também mostram sua beleza e versatilidade.

Por meio de seus versos, os poetas exploram temas culturais, tradições e costumes, capturando a essência da identidade de uma nação. Eles celebram festivais, rituais e folclore, destacando os valores, crenças e dinâmicas sociais que definem sua sociedade. Ao usar a linguagem como um veículo para a expressão cultural, a poesia torna-se uma ferramenta inestimável para preservar e transmitir o conhecimento cultural de uma geração para outra.

A poesia reflete e articula as experiências coletivas do povo de uma nação. Os poetas costumam mergulhar nas emoções, lutas e triunfos que são universalmente sentidos em uma sociedade. Eles capturam a essência da vida cotidiana, as alegrias e tristezas, as esperanças e medos que ressoam em indivíduos de diferentes regiões, origens sociais e gerações.

Na poesia as pessoas encontram consolo, inspiração e um senso de conexão. Há empatia, pois os leitores se relacionam com as emoções e situações descritas nos versos. Essa paisagem emocional compartilhada ajuda a forjar um senso de identidade coletiva, pois as pessoas reconhecem e abraçam sua humanidade compartilhada, reforçando seu vínculo como membros de uma nação.

Os poetas geralmente se inspiram em eventos, figuras e movimentos históricos significativos, trazendo-os à vida por meio de imagens vívidas e linguagem evocativa. Eles fornecem novas perspectivas sobre eventos passados, lançando luz sobre aspectos menos conhecidos ou desafiando narrativas convencionais. Ao envolver-se com temas históricos, a poesia promove um senso de consciência histórica entre os indivíduos. Isso os encoraja a refletir sobre o passado, questionar o presente e imaginar o futuro. Por meio da poesia, os cidadãos obtêm uma compreensão mais profunda das lutas, conquistas e momentos decisivos de sua nação, desenvolvendo assim uma conexão mais forte com sua identidade nacional.

A escrita poética geralmente emprega simbolismo e imagens, utilizando ícones nacionais, marcos e maravilhas naturais como metáforas. Os poetas celebram as características e símbolos únicos que definem sua nação, evocando um forte senso de orgulho e identidade nacional. Ao tecer esses símbolos em seus versos, os poetas criam uma linguagem compartilhada de simbolismo nacional. Essa linguagem ressoa com os cidadãos, evocando emoções e memórias associadas à história, geografia ou herança cultural de sua nação. O uso do simbolismo na poesia reforça a compreensão e valorização coletiva desses ícones nacionais, fortalecendo ainda mais o sentimento de pertencimento a uma identidade compartilhada.

Este capítulo explora as maneiras que o contexto específico vivido por cada autor se reflete na poesia que contribui para construir e fortalecer a identidade nacional, promovendo um senso de unidade, valores compartilhados e consciência histórica entre os cidadãos de uma nação.

### **Freyre – os primeiros anos**

Gilberto Freyre, nascido em 15 de março de 1900, em Recife, Brasil, foi um renomado sociólogo, antropólogo, historiador e escritor brasileiro. Ao longo de sua vida, Freyre dedicou-se a explorar e analisar a cultura brasileira, particularmente sua dinâmica racial e social. Suas obras influentes, como *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, desafiaram as normas sociais vigentes e ofereceram uma nova perspectiva sobre a complexidade da identidade brasileira.

Freyre nasceu em uma família rica de Recife, uma cidade conhecida por seu multiculturalismo e patrimônio diversificado. O legado da cidade como um importante porto na era colonial do Brasil desempenhou um papel crucial na formação da compreensão de Freyre sobre o tecido multicultural do Brasil. As vibrantes tradições afro-brasileiras do Recife, as influências indígenas e a colonização europeia deixaram uma impressão duradoura em Freyre, alimentando seu interesse em explorar a interconexão de diferentes grupos culturais. Foi a riqueza de sua família, contudo, que lhe proporcionou oportunidades de atividades intelectuais e uma educação privilegiada e transnacional. No entanto, a infância de Freyre teve seus desafios. Ele perdeu a mãe ainda jovem, o que o impactou muito e influenciou suas atividades acadêmicas posteriores.

A educação de Freyre começou em sua cidade natal, Recife, então conhecida não somente no contexto nordestino, mas em âmbito nacional por sua vibrante atmosfera cultural e intelectual. Freyre foi criado em uma família com alto grau de instrução formal, a qual valorizava o aprendizado e encorajava a curiosidade intelectual. Os pais de Freyre, Alfredo Freyre e Francisca de Mello Freyre, incutiram nele o amor pela literatura, história e artes desde sua infância. Seus pais o expuseram a uma rica tradição literária, promovendo um terreno fértil para suas futuras atividades intelectuais.

Em seus anos de formação, Freyre frequentou o prestigiado Colégio Americano Gilreath – atualmente denominado Colégio Americano Batista do Recife, uma escola conhecida por sua ênfase no ensino da língua inglesa e métodos de ensino progressivos. A instituição forneceu a Freyre uma base sólida em literatura, filosofia e ciências sociais, moldando seus interesses intelectuais e abrindo caminho para seus futuros empreendimentos acadêmicos. Durante esse tempo, a exposição de Freyre ao ambiente multicultural do Recife deixou um impacto duradouro em sua visão de mundo. A rica história da cidade, caracterizada pela colonização europeia, escravidão africana e influências indígenas, alimentou seu interesse em explorar as complexidades da sociedade e cultura brasileiras.

Depois de concluir o ensino médio, Freyre embarcou na jornada do ensino superior. Ele se matriculou na Faculdade de Direito do Recife, em 1918, e seu tempo na faculdade de direito foi transformador de maneiras inesperadas para seu desenvolvimento intelectual e posteriores publicações ao longo de sua carreira. Enquanto estudava direito, Freyre sentiu-se mais atraído pelas ciências humanas e sociais, particularmente sociologia, antropologia e história.

Como argumenta Richard Drayton em “Gilberto Freyre and the Twentieth-Century Rethinking of Race in Latin America”, a trajetória intelectual de Freyre deu uma guinada decisiva ao se deparar com as obras de influentes pensadores como Franz Boas, evocando também as influências diretas e indiretas de Émile Durkheim e Euclides da Cunha (45). Tais estudiosos influenciaram seu pensamento e ampliaram sua compreensão da dinâmica social, diversidade cultural e análise histórica. A abordagem multidisciplinar de Freyre, que integrava percepções de vários campos como literatura, antropologia e historiografia, se tornaria uma marca de sua obra posterior.

### **Estudo no exterior e expansão de horizontes**

Para aprofundar suas atividades acadêmicas, Freyre buscou oportunidades de estudar no exterior. Em 1921, depois de graduado pela Baylor University, Freyre viajou para Nova Iorque e se matriculou na Columbia University, instituição já estabelecida como um dos principais polos de produção intelectual e relevância acadêmica das Américas. Em Columbia, Freyre mergulhou na vibrante atmosfera intelectual, estudando antropologia, sociologia e história com estudiosos renomados como Franz Boas e John Dewey. Essas experiências ampliaram seu repertório teórico e seus horizontes, expondo-o a diferentes tradições intelectuais e fornecendo-lhe percepções valiosas que moldariam sua trajetória como antropólogo e historiador.

Enquanto estava nos Estados Unidos, Freyre também foi apresentado ao Renascimento do Harlem, experiência também vivida por Nicolás Guillén. Esse encontro de mentes aprofundou sua compreensão da dinâmica racial e da expressão cultural afro-americana, influenciando sua perspectiva sobre as intersecções de raça, cultura e identidade tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil.

Depois de concluir seus estudos no exterior, Freyre voltou ao Brasil com uma riqueza de conhecimentos e um renovado senso de propósito. Ele começou a compartilhar suas ideias por meio de seus escritos e palestras públicas, tornando-se uma voz influente nos círculos intelectuais brasileiros. Ingressou no corpo docente da Faculdade de Direito do Recife, lecionou sociologia e antropologia, e continuou a desenvolver suas ideias sobre identidade, cultura e raça brasileiras.

A primeira grande produção escrita de Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933, marcou uma virada em sua carreira. Nessa obra, o autor argumenta que a fusão das culturas europeia, africana e indígena criou um tecido social único no Brasil, caracterizado por uma hierarquia racial mais fluida em comparação a outras nações com histórico de escravidão. Este trabalho, inovador para a época, desafiou a visão predominante de pureza e hierarquia racial, destacando a importância do hibridismo cultural na compreensão da sociedade brasileira, ainda que sem se aprofundar nas consequências de tal homogeneização.

*Casa-Grande & Senzala* atraiu significativa atenção tanto no Brasil quanto internacionalmente, estabelecendo Freyre como uma das principais vozes da sociologia e da antropologia para além das fronteiras brasileiras. A perspectiva única do livro sobre raça, família e dinâmica social gerou elogios e críticas. Alguns saudaram Freyre como um visionário, enquanto outros o acusaram de romantizar a história da escravidão no Brasil e minimizar seus impactos negativos.

Sem se deixar abater pela controvérsia, Freyre continuou suas atividades intelectuais. Em *Sobrados e Mucambos*, publicado em 1936, ele se aprofunda na dinâmica da sociedade brasileira, com foco na arquitetura e na organização espacial dos

centros urbanos. Este trabalho examinou o forte contraste entre as opulentas mansões da classe alta e as favelas empobrecidas da classe trabalhadora, lançando luz sobre a desigualdade social e a divisão urbano-rural.

As ideias de Freyre não se limitaram ao meio acadêmico. Ele se envolveu ativamente com políticos, artistas e intelectuais, promovendo mudanças sociais e defendendo uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Sua influência se estendeu além da academia, moldando o discurso público e a formulação de políticas no Brasil.

O início da vida e as contribuições intelectuais de Gilberto Freyre até 1940 revelam um homem movido por um profundo desejo de entender e celebrar a cultura brasileira, e parecem terem sido feitas sob a ótica de sua própria experiência acadêmica e intelectual oriundas de uma elite regional. Suas obras, *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, desafiaram as normas sociais e ofereceram uma nova perspectiva sobre a complexidade da identidade brasileira. A exploração de Freyre da cultura brasileira, enraizada em suas próprias experiências e observações, levou-o a questionar as noções tradicionais de raça, hierarquia e organização social.

As ideias de Freyre tiveram um impacto profundo na sociedade brasileira. Ao enfatizar a síntese cultural e o hibridismo que moldaram o Brasil, ele desafiou a crença na pureza racial e ofereceu uma compreensão mais inclusiva da identidade. Seu conceito de "democracia racial" destacou o potencial de coesão social e harmonia em uma sociedade diversificada. Essa noção ressoou em muitos brasileiros que se viram refletidos na visão de Freyre de uma nação multicultural e igualitária.

No entanto, tais ideias não são isentas de críticas. Alguns argumentaram que ele minimizou as duras realidades da escravidão e da desigualdade, romantizando o

passado e minando a necessidade de justiça social. Críticos ao seu trabalho também apontaram que seu foco na mistura cultural ignorou as disparidades raciais e socioeconômicas em curso na sociedade brasileira. No entanto, a obra de Freyre suscitou importantes debates e contribuiu para uma maior compreensão da complexa história do Brasil.

Além de suas contribuições acadêmicas, Freyre esteve ativamente envolvido na vida pública. Participou de movimentos políticos, defendendo reformas sociais e políticas progressistas. Seus escritos e discursos inspiraram uma geração de intelectuais e ativistas que buscaram abordar as questões sociais e raciais do Brasil. Ele se inspirou em pensadores como o sociólogo Émile Durkheim, o antropólogo Franz Boas e o escritor e sociólogo brasileiro Euclides da Cunha. As atividades intelectuais de Freyre também foram alimentadas por suas interações com outros intelectuais e artistas, incluindo Mário de Andrade, uma figura proeminente do movimento modernista brasileiro. Essas interações contribuíram para o desenvolvimento da abordagem interdisciplinar de Freyre e seu autoproclamado compromisso em preencher a lacuna entre a pesquisa acadêmica e o engajamento público.

Ao fim dos anos 1930, Gilberto Freyre havia se estabelecido como uma figura proeminente na academia e na sociedade brasileira. Sua exploração da cultura brasileira, seu desafio às hierarquias raciais predominantes e sua defesa de uma sociedade mais inclusiva deixaram uma marca indelével. No entanto, sua jornada estava longe de terminar. Nos anos seguintes, Freyre continuaria a produzir obras influentes, contribuir para o discurso público e moldar o cenário intelectual do Brasil.

## **Nicolás Guillén – pioneiro da poesia afro-cubana**

Nicolás Cristóbal Guillén Batista, nascido em 10 de julho de 1902, em Camagüey, Cuba, foi um poeta e ativista inovador que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da literatura afro-cubana. O trabalho de Guillén explorou temas de raça, identidade e justiça social, tornando-o uma figura proeminente no cenário cultural e político de Cuba durante as primeiras quatro décadas do século XX.

Guillén nasceu em uma família racialmente mista. Seu pai, Nicolás Guillén Urra, era jornalista e ativista político, e sua mãe, Argelia Batista, professora. Este ambiente expôs Guillén ao poder da linguagem e da narrativa desde a sua infância até a sua vida adulta. Além disso, crescendo em uma sociedade profundamente arraigada na desigualdade racial, Guillén experimentou em primeira mão as dificuldades enfrentadas pelos afro-cubanos, que mais tarde se tornariam temas centrais em sua poesia.

Guillén teve uma educação formativa diversificada e impactante, que modelou seu desenvolvimento intelectual e contribuiu para sua emergência como um dos poetas mais renomados da literatura latino-americana. A composição de influência de Guillén abrangeu escolaridade formal, exposição a movimentos intelectuais e experiências pessoais que influenciaram suas perspectivas artísticas e políticas.

A jornada educacional de Guillén começou com seu ensino primário em Camagüey, onde recebeu uma educação básica que estabeleceu o alicerce para o seu desenvolvimento intelectual. No entanto, foi durante a adolescência que mudanças no seu espaço geográfico e afetivo lhe permitiram expandir seu entendimento de mundo. Em 1916, o poeta se mudou para a capital, Havana, para frequentar o prestigiado Instituto de Havana, onde estudou humanidades e ciências sociais. Sua jornada no

Instituto expôs Guillén a uma gama ampla de assuntos, incluindo literatura, história, filosofia e sociologia, proporcionando-lhe uma estrutura intelectual abrangente.

Durante seu tempo no Instituto, Guillén envolveu-se ativamente nos meios literários e culturais. Ele se juntou a sociedades literárias e se envolveu em discussões sobre emergentes escritores e intelectuais cubanos, assim como respeitados teóricos literários estrangeiros. Essa exposição a movimentos e ideias literárias ampliou sua compreensão da poesia como veículo de comentário social e expressão cultural. O envolvimento de Guillén com as correntes intelectuais de seu tempo lançou as bases para seu posterior envolvimento nos movimentos culturais e políticos que moldaram sua visão poética.

Em *Vida y Obra de Nicolás Guillén (2002)*, Augier afirma que uma das influências mais significativas na educação de Guillén durante esse período foi seu encontro com os movimentos de vanguarda e modernista na literatura. A influência de proeminentes modernistas latino-americanos como Rubén Darío e José Martí, bem como de escritores europeus como Federico García Lorca e Pablo Neruda, pode ser vista nas primeiras obras poéticas de Guillén. Tais influências marcaram um afastamento das formas e temas poéticos tradicionais estabelecidos pelo cânone europeu, encorajando Guillén a experimentar novas técnicas e explorar temas sócio-políticos em sua poesia.

Outro aspecto crucial da educação de Guillén foi seu envolvimento com e pertencimento à cultura africana e afro-caribenha. Durante sua estada em Havana, Guillén conheceu a cena cultural afro-cubana, que incluía música, dança, folclore e matrizes religiosas. Essa exposição aprofundou sua compreensão das suas próprias

raízes africanas e das experiências dos afro-cubanos, o levando a explorar temas de identidade racial, desigualdade social e orgulho cultural em sua poesia (Augier 32).

### **Primeiras produções e influências políticas**

O jovem Guillén terminou os estudos secundários por volta de 1919 e começou a publicar seus primeiros versos em 1920, colaborando em revistas como *Camagüey Gráfico*, em sua cidade natal, ou *Orto*, em Manzanillo. Em 1921, começou a estudar Direito na Universidade de Havana e, durante seu tempo estudando na instituição, Guillén conheceu o movimento de vanguarda que emergia no cenário literário cubano. Esse movimento literário e artístico, surgido na América Latina e na Europa, buscava romper com as normas e convenções literárias estabelecidas até então. A associação de Guillén a esse movimento, principalmente por meio de suas interações com colegas poetas como José Antonio Fernández de Castro e Alejo Carpentier, o impulsionou a explorar territórios poéticos desconhecidos, e a experimentar técnicas inovadoras.

A adesão de Guillén ao movimento Vanguarda o permitiu desafiar as tradições literárias eurocêntricas dominantes que prevaleciam em Cuba. Ele fundiu elementos da cultura afro-cubana, como tradições folclóricas, música e narração oral, com técnicas poéticas de vanguarda. Essa fusão resultou em um estilo poético único e vibrante que celebrou a experiência afro-cubana e capturou a essência do povo cubano.

Guillén, diferentemente de Freyre, não permaneceria por muito no circuito acadêmico. Pouco depois do início dos seus estudos de Direito, o poeta cubano abandonou as aulas no início do curso, levado pelo desencanto que transpareceria no poema "Al margin de mis libros de estudio", no qual satiriza a mediocridade da vida universitária que ele conheceu. O texto, publicado no número inaugural da revista *Alma*

*Mater*, cuja redação incluía Júlio Antonio Mella, já tinha certa notoriedade polêmica na época.

De volta a Camagüey, Guillén organizou e dirigiu a revista *Lys*, e desempenhou diversos trabalhos, entre eles revisor, e posteriormente editor no jornal *El Camagüeyano*. Lá, ele esteve no comando de uma seção, "Pisto Manchego", na qual o então jornalista Guillén misturava temas atuais nacionais ou mundiais com o anúncio de produtos comerciais. Ao passo em que se dedicava à sua produção textual, Guillén também se firmava no campo político, servindo como funcionário da Câmara Municipal de Camagüey, onde podia participar de perto da criação de políticas públicas que beneficiassem a sua província natal.

Em 1926, voltou a Havana em busca de uma mudança de vida. Conseguiu um emprego no Ministério do Interior e decidiu se estabelecer na capital cubana, onde se intensificaram seus interesses literários e intelectuais. Lá e naquela época conheceria Federico García Lorca, que havia sido convidado por Fernando Ortiz para dar algumas conferências, e o grande poeta negro americano Langston Hughes, cuja amizade e influência seriam extremamente importantes para Guillén.

Crescer em uma sociedade racialmente diversa e testemunhar as disparidades sociais e econômicas enfrentadas pelos afro-cubanos lapidou sua compreensão da injustiça social em Cuba, e alimentou seu compromisso de abordar essas questões em sua poesia. Os encontros pessoais de Guillén com a discriminação racial e a desigualdade solidificaram ainda mais sua determinação de usar sua voz artística como meio de defesa e crítica social.

Na década de 1930, o talento poético e as atividades intelectuais de Guillén ganharam reconhecimento, levando ao seu envolvimento em diversos movimentos culturais e políticos. Ele se tornou um participante ativo do movimento literário *Vanguardia*, que buscava romper com as convenções literárias tradicionais e explorar novas fronteiras artísticas. O envolvimento de Guillén no movimento vanguardista lhe permitiu experimentar diferentes formas e técnicas poéticas, ampliando os limites da expressão e explorando formas pioneiras, como a musicalidade, de abordar temas sociais e políticos em seu trabalho.

Além disso, a produção escrita de Guillén foi influenciada pelo cenário sociopolítico de Cuba na época. A agitação política da década de 1930, caracterizada por movimentos por justiça social e demandas por mudanças políticas, teve um impacto profundo no desenvolvimento de Guillén como poeta. Ele se envolveu com organizações de alinhamento político de esquerda e anti-imperialistas, compromissando-se com as lutas dos trabalhadores, camponeses e oprimidos. Esse período de engajamento político infundiu em seu trabalho um senso de consciência social e um compromisso com a justiça social.

Em 1930, também, Guillén publicou sua primeira grande coleção de poemas, *Motivos de Son*, que mostrava seu uso inovador de linguagem, ritmo e imagens. Essa coleção estabeleceu Guillén como uma voz significativa na literatura afro-cubana e solidificou sua reputação como um dos principais poetas da época. Foi um afastamento da poesia de influência europeia dominante da época e marcou o início de uma nova era na literatura cubana.

## O Poeta do Povo

Uma das maiores contribuições de Guillén foi sua capacidade de se conectar com a classe trabalhadora de Cuba. Sua poesia emprestou voz às suas lutas, anseios e sonhos, tornando-o conhecido como o “poeta do povo”. Guillén inspirou-se nas ruas de Havana, nas paisagens rurais e na vibrante cultura afro-cubana. Seu uso da linguagem vernacular e a incorporação de ritmos afro-cubanos, particularmente o gênero musical "son", tornaram seu trabalho acessível e relacionável a um público amplo.

O compromisso de Guillén com a justiça social e os ideais anti-imperialistas ficou evidente em sua poesia. Em obras como “Songoro Cosongo” (1931) e “West Indies Ltd.” (1934), ele abordou questões de discriminação racial, desigualdade econômica e opressão política. Através de sua arte, Guillén pediu a unidade entre os afro-cubanos e defendeu seus direitos e reconhecimento.

Como ativista, Guillén esteve profundamente envolvido no clima político de seu tempo. Na década de 1930, Cuba testemunhou convulsões políticas significativas, incluindo a derrubada do ditador Gerardo Machado e a ascensão de movimentos sociais e políticos. Guillén alinhou-se com as ideologias de esquerda e tornou-se membro do Partido Comunista em 1937.

O engajamento político de Guillén influenciou seu trabalho, pois ele começou a incorporar comentários sociais e políticos mais explícitos em sua poesia. Sua coleção *Cantos para soldados y sones para turistas* (1937) abordava a Guerra Civil Espanhola e a luta contra o fascismo. Guillén expressou sua solidariedade à causa republicana e condenou as atrocidades cometidas pelo regime de Franco. Sua poesia tornou-se uma

ferramenta poderosa para sensibilizar e mobilizar o apoio ao movimento antifascista em Cuba (Augier 60).

O impacto de Guillén se estendeu além das fronteiras de Cuba. Sua poesia ganhou reconhecimento e aclamação no cenário internacional. As traduções de seu trabalho permitiram que o público em todo o mundo apreciasse a riqueza e o significado da cultura afro-cubana. Os poemas de Guillén foram celebrados não apenas por seu mérito artístico, mas também por sua capacidade de capturar a essência da experiência da diáspora africana e expor as injustiças enfrentadas pelas comunidades marginalizadas.

Em 1930, Guillén viajou para a Espanha, onde estabeleceu conexões com proeminentes intelectuais e artistas espanhóis, incluindo Federico García Lorca e Pablo Neruda. Essas interações influenciaram seu estilo poético e expandiram sua visão de mundo. O trabalho de Guillén ressoou com escritores e ativistas em toda a América Latina, África e na diáspora africana, inspirando uma geração de artistas a abraçar sua herança cultural e lutar por mudanças sociais (71).

Por meio de sua poesia, Guillén desempenhou um papel crucial na formação e definição da identidade afro-cubana. Ele celebrou a rica herança cultural dos afro-cubanos, destacando suas contribuições para a sociedade cubana e enfatizando a importância de reconhecer e valorizar a diversidade. Os poemas de Guillén foram uma fonte de empoderamento para os afro-cubanos, fornecendo uma plataforma para que suas vozes fossem ouvidas, e suas experiências reconhecidas.

Além disso, a obra de Guillén desafiou os estereótipos e preconceitos predominantes, derrubando barreiras e fomentando o sentimento de orgulho entre os

afro-cubanos. Sua poesia mostrou a beleza e a resiliência da cultura afro-cubana, elevando-a à vanguarda da consciência nacional.

### **Conexão Cuba – Harlem**

Embora Nicolás Guillén não estivesse diretamente envolvido no Renascimento do Harlem, sua poesia exhibe paralelos significativos com os temas, estilos e consciência social do movimento. A exposição de Guillén às obras de escritores afro-americanos, bem como seu envolvimento com a cultura afro-cubana, o levaram a abraçar ideais e explorar temas semelhantes em sua poesia.

O Renascimento do Harlem enfatizou a celebração e recuperação da herança africana. Os artistas afro-americanos procuraram romper com as tradições literárias europeias e inspirar-se nas culturas africanas. Da mesma forma, a poesia de Guillén celebrava a cultura e o folclore afro-cubanos. Seus poemas foram embebidos em ritmos africanos, crenças espirituais e elementos linguísticos herdados das culturas que foram forçadas a se adaptar ao continente americano. A incorporação de Guillén da linguagem vernacular, expressões idiomáticas e musicalidade africana em sua poesia ecoou os esforços dos poetas do Renascimento do Harlem para dar a suas obras uma autêntica voz afro-americana.

Tanto o Renascimento do Harlem quanto a poesia de Guillén abordaram questões de identidade e orgulho racial. O movimento visava desafiar os estereótipos raciais negativos reforçados depois do período de Reconstrução dos Estados Unidos e afirmar o valor e a dignidade dos afro-americanos. A poesia de Guillén expressa um profundo sentimento de orgulho por suas raízes africanas e enfatizava as contribuições dos afro-cubanos à sociedade cubana. A exploração de Guillén sobre a identidade racial e sua

celebração da herança afro-cubana se alinham à essência estrutural do Renascimento do Harlem.

O repertório poético do autor cubano e o Renascimento do Harlem não se preocuparam apenas com a expressão artística, mas também serviram como plataforma para o ativismo social e político. Escritores e artistas em todas as Américas usaram seu trabalho para abordar questões de desigualdade racial, disparidades econômicas e injustiças sociais. Seus poemas abordavam as desigualdades sociais em Cuba, a memória coletiva de um grupo marginalizado, a discriminação e as lutas da classe trabalhadora. O compromisso de Guillén com a justiça social e seu apelo à igualdade espelhavam o ativismo presente no Renascimento do Harlem.

O movimento estadunidense e seu grupo formado por artistas, acadêmicos e intelectuais também encorajou a experimentação e inovação artística, desafiando as formas e convenções literárias tradicionais regentes nos Estados Unidos, que refletiam a maioria branca até então presente e dominante em tais âmbitos. O movimento viu o surgimento de novas técnicas e formas poéticas que refletiam a vibração e o dinamismo da cultura afro-americana. Guillén, influenciado por esse espírito de experimentação, abraçou técnicas poéticas não convencionais e misturou elementos da música e do folclore afro-cubano em sua escrita. Seus poemas incorporavam padrões rítmicos, repetição e improvisação, ecoando a experimentação e inovação dos colegas artistas do Renascimento do Harlem.

## CHAPTER 4

### DO VIVER PARA O ESCREVER – A PERCEPÇÃO DE FREYRE E GUILLÉN NA SUA POESIA

“Se nasci brasileiro, e dentro do Brasil, em Pernambuco, não será dentro das fronteiras do Brasil e dos limites de Pernambuco, e seguindo as imposições de minhas origens, que devo viver? Este é o meu ideal para um indivíduo de minha formação não só intelectual como, até certo ponto, pessoal. Minhas origens, minha família, minha Mãe, meu Pai, minha cidade, minha terra, me reclamam pelo que há, em mim, de outras raízes, que, não sendo as intelectuais, parecem ser raízes ainda mais fortes. O que me fez querer reintegrar-me no Brasil não é um senso puritano de dever, mas uma necessidade de ser, ou desejar ser, autêntico, na minha condição de homem; e temo que, fora do Brasil, eu me sentisse postiço ou artificial [...]” (Freyre 211).

#### **O olhar da elite**

O jovem Freyre, recém-educado nos Estados Unidos e em subsequente jornada pelos grandes centros intelectuais europeus almejava quebra e ruptura da receita tradicional imperialista. Em *O Jovem Gilberto Freyre*, Ramos Jr. argumenta que foi em Paris, em 1922, mesmo ano da Semana de Arte Moderna do Brasil que Gilberto Freyre conheceu o pintor Vicente do Rego Monteiro, que o apresentou a Tarsila do Amaral, Victor Brecheret e Oswald de Andrade, e que neste momento, Gilberto teve as primeiras

notícias sobre o movimento modernista brasileiro. Pelas próprias palavras de Freyre, tais encontros o permitiram estabelecer contato com artistas que, como ele, estavam “em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem para o Brasil.” (Chacon 41).

Em 1923, de volta à sua cidade natal, Recife, Freyre dedicou o seu período de readaptação à apropriação de documentos de engenhos – cartas, inventários, testamentos – “Documentos menos públicos e mais íntimos”, disse Freyre em entrevista, registrando a cultura local em fotografias e anotações que relevassem o cotidiano social. Observando-se dos ensinamentos de Durkheim, Giddings e Boas, Freyre buscava compilar um estudo da “vida de menino no Brasil [...] através de vários tempos e em várias regiões”, desejo que começara durante seus estudos na Universidade de Columbia, em Nova Iorque.

O projeto de Freyre era abordar os problemas sociais da sua região e do Brasil sob uma nova perspectiva, agregando fatores históricos, sociológicos e antropológicos alicerçados na rica documentação que vinha coletando, mas também criar uma análise da história íntima, sem desprezar a sua própria infância na construção psicológica deste personagem menino que contaria a história regional do Brasil. A ideia de Freyre de embeber seu projeto de escrita com a sua própria experiência de infância vinha de suas leituras de Proust: “Suas [de Proust] análises são líricas e clínicas ao mesmo tempo: poéticas e científicas. Dessa contradição resulta ser ele o historiador ideal do que há de mais íntimo no passado de um povo” (Freyre 169).

Ramos Jr. argumenta que tal projeto de criação de um personagem híbrido entre o pessoal e o coletivo acabou não sendo realizado por Freyre, mas sim, e de certa forma,

anos depois pelo seu amigo e discípulo José Lins do Rego, com o romance *Menino de Engenho* (1932). Apesar de não ter dado continuidade ao projeto de desenvolvimento do personagem menino, misto entre o pessoal e o histórico, Freyre estudava o imaginário regional pernambucano em busca de referências nacionais, e planejava refletir a sua própria experiência e visão de mundo nas produções modernistas nos anos subsequentes (165).

Neste capítulo, analisaremos a voz poética da poesia de Gilberto Freyre e Nicolás Guillén, especificamente nos poemas “O outro Brasil que vem aí” e “Balada de los dos abuelos”, por servirem de exemplares de visão de cada autor sobre o novo país que se construía ao seu redor, buscando estabelecer ligações entre a vivência pessoal de cada autor, e projeto de redefinição de identidade nacional que estava em andamento pelas Américas.

Começaremos pelo poema de Gilberto Freyre, escrito em 1926, brevemente após à sua reinserção ao contexto brasileiro, e espelho de sua mente em um período pioneiro de avanços nos âmbitos políticos, sociais e culturais:

“O outro Brasil que vem aí”

Eu ouço as vozes

eu vejo as cores

eu sinto os passos

de outro Brasil que vem aí

mais tropical

mais fraternal

mais brasileiro.

Os versos de abertura do poema de Freyre criam uma sensação de envolvimento sensorial, de presença, uma vez que o poeta, de volta ao Brasil, ouve ativamente às vozes, vê as cores e sente os passos de seus conterrâneos. Os versos simbolizam a receptividade e a consciência do poeta sobre o Brasil em transformação que se descortina no horizonte. Isso define o tom para uma exploração da transformação iminente que anseia o poeta.

A partir de “O outro Brasil que vem aí” percebemos a antecipação de um novo Brasil que se caracteriza por ser mais tropical (por influências do movimento lusotropicalista), enfatizando as peculiaridades e qualidades únicas do país. A menção a “fraternal” sugere uma visão de um Brasil mais unido, fomentando o sentimento de fraternidade e solidariedade entre seu povo. A frase "mais brasileiro" reforça a ideia de abraçar e celebrar a essência da revista identidade brasileira.

O mapa desse Brasil em vez das cores dos Estados  
terá as cores das produções e dos trabalhos.

Freyre desafia a forma tradicional de mapear o Brasil com base nas cores de seus estados. Em vez disso, ele sugere uma nova abordagem em que as cores do mapa representam as diversas produções e obras que definem diferentes regiões. Ao fazê-lo, enfatiza as atividades econômicas e as identidades regionais que moldam o país, destacando sua importância na definição da paisagem imagética brasileira.

Os homens desse Brasil em vez das cores das três raças  
terão as cores das profissões e das religiões.

Esses versos sugerem um afastamento da categorização de indivíduos apenas com base nas cores associadas aos três grupos raciais no Brasil. Freyre propõe que, em

vez disso, as cores que representam profissões e regiões devam definir os indivíduos. Isso enfatiza a importância de valorizar os indivíduos com base em suas habilidades, contribuições e origens regionais, indo além de uma categorização racial simplista. Esse seria um dos primeiros registros da visão de Freyre sobre a questão racial no Brasil, que posteriormente se desenvolveria para o que outros teóricos batizariam de “democracia racial”.

As mulheres do Brasil em vez das cores boreais  
terão as cores variamente tropicais.

Os versos acima ressaltam que Freyre prevê uma mudança na forma como as mulheres são percebidas e representadas no Brasil. Ele sugere deixar de definir a mulher pelas "cores boreais", que poderiam simbolizar influências externas ou estrangeiras, ou talvez a vasta paleta de cores que permeia a tonalidade de pele dos brasileiros se vista sob a percepção de raças de outras culturas, e abraçar as cores diversas e autenticamente tropicais que representam a mulher brasileira. Enfatiza a importância de reconhecer e celebrar a rica diversidade e perspectivas das mulheres no país.

Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,  
todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor  
o preto, o pardo, o roxo então apenas o branco  
e o semibranco.

Esses versos destacam a ideia de ação individual e empoderamento. Freyre vislumbra um Brasil onde cada cidadão tenha voz e o poder de expressar seus desejos e visões para o país que apresenta semelhanças com o modelo de representação pessoal norte-americano, onde Freyre frequentou a universidade. A estrofe ainda

promove o sentimento de propriedade e responsabilidade na construção do destino coletivo do Brasil, enfatizando a importância da participação ativa de todos os cidadãos.

Qualquer brasileiro poderá governar esse Brasil

Aqui, Freyre desafia a noção de que apenas alguns poucos estão aptos a governar. Ele sugere que qualquer brasileiro, independentemente de origem ou condição social, pode participar da governança. Reflete sua crença na capacidade e no potencial de todos os indivíduos para contribuir com a liderança e o desenvolvimento do Brasil, promovendo uma democracia mais inclusiva e participativa.

lenhador

lavrador

pescador

vaqueiro

marinheiro

funileiro

carpinteiro

Essas profissões representam uma gama diversificada de ocupações e habilidades. Freyre as inclui para enfatizar que indivíduos de diferentes esferas da vida, engajados em várias profissões, podem ter um papel na governança e na formação do futuro do Brasil. Ele destaca o valor de diversas perspectivas e especialidades no cenário político do futuro país a se construir. Ao mencionar ocupações como lenhador, fazendeiro, pescador, vaqueiro, marinheiro, latoro e carpinteiro, Freyre enfatiza a

importância de reconhecer e valorizar as contribuições de indivíduos de diversos setores da sociedade, reforçando a ideia de que a governança não deve ser limitada a um grupo específico de elite, mas deve envolver indivíduos de todas as esferas da vida.

Em “contanto que seja digno do governo do Brasil” Freyre destaca a importância da integridade na liderança política. Ele sugere que aqueles que aspiram a governar o Brasil devem possuir qualidades que os tornem dignos de tal responsabilidade. Isso destaca a necessidade de conduta ética e senso de dever para com o bem-estar da nação. Ao enfatizar a importância de uma liderança merecedora, Freyre ressalta a importância de uma governança responsável e honrada, que também pode ser associada ao modelo estadunidense de entender mérito e recompensa.

que tenha olhos para ver o Brasil,  
ouvidos para ouvir o Brasil,  
coragem para morrer pelo Brasil  
ânimo de viver pelo Brasil  
mãos para agir pelo Brasil

Nessa estrofe, o autor destaca as qualidades, a sensibilidade e o comprometimento exigidos de quem liderará o Brasil idealizado pelos modernistas. Os líderes devem ter visão para perceber as necessidades da nação, atenção para ouvir seu povo, coragem para fazer sacrifícios, entusiasmo para prosperar e mãos prontas para agir pelo bem da nação. Freyre enfatiza a importância do engajamento ativo, empatia e dedicação na busca pelo progresso nacional.

mãos de escultor que saibam lidar com o barro forte e novo dos Brasis  
mãos de engenheiro que lidem com ingresias e tratores

européus e norte-americanos a serviço do Brasil

mãos sem anéis (que os anéis não deixam o homem criar nem trabalhar).

Esses versos destacam a importância de mãos habilidosas e artesanais na construção de um Brasil melhor. A referência a escultores e engenheiros simboliza criatividade, conhecimento técnico e inovação. Freyre enfatiza a necessidade de mãos livres de constrangimentos, tanto físicos (anéis, que também entendo como algemas, grilhões, elos de corrente que representam o aprisionamento da escravidão negra e indígena) quanto mentais, para se dedicarem integralmente ao processo criativo e ao trabalho produtivo. Reflete a ideia de que os indivíduos devem ser capacitados e capacitados para contribuir com suas habilidades e talentos para o progresso da nação.

mãos livres

mãos criadoras

mãos fraternais de todas as cores

mãos desiguais que trabalhem por um Brasil

sem Azeredos, sem Irineus

sem Maurícios de Lacerda.

Essas falas reforçam a importância de mãos livres – um destaque necessário durante um período histórico poucas décadas após a abolição da escravatura, criativas e comprometidas com a construção de um Brasil livre de influências imperialistas. Freyre sugere que as mãos de todas as cores, simbolizando pessoas de diferentes origens, devem trabalhar juntas em unidade e harmonia. A referência a nomes específicos implica uma rejeição de influências da elite intelectual europeia ou indivíduos associados à corrupção, desigualdade ou outros aspectos prejudiciais da sociedade. Outra vez, Freyre

ênfatiza a necessidade do coletivismo igualitário e solidariedade patriótica na construção de um Brasil livre de tais referências.

Sem mãos de jogadores

Nem de especuladores, nem de mistificadores

Mãos todas de trabalhadores,

pretas, brancas, pardas, roxas, morenas,

Freyre critica aqueles envolvidos em enganos, especulações ou comportamentos manipuladores. Ele rejeita as mãos de jogadores que jogam com o destino da nação e as mãos de especuladores que exploram para ganho pessoal. Em vez disso, ele defende as mãos dos trabalhadores de diversas origens, raças e tonalidade de pele. Isso reforça a importância do trabalho conjunto, traço característico do ideário aglutinador de Freyre, e da contribuição para a construção de um Brasil melhor. Ao sobressaltar as mãos dos trabalhadores de diferentes raças, Freyre aparenta promover a inclusão e destaca o valor do esforço coletivo e da diversidade no desenvolvimento da nova identidade nacional a ser tecida pelos brasileiros. Freyre segue o poema com:

de artistas

de escritores

de operários

de lavradores

de pastores

de mães criando filhos

de pais ensinando meninos

de padres benzendo afilhados

de mestres guiando aprendizes  
de irmãos ajudando irmãos mais moços  
de lavadeiras lavando  
de pedreiros edificando  
de doutores curando  
de cozinheiras cozinhando  
de vaqueiros tirando leite de vacas chamadas  
comadres dos homens.

Nesse trecho, Freyre abrange uma ampla gama de ocupações e papéis dentro da sociedade, como em uma chamada pública de responsabilidade coletiva. Freyre destaca a importância de vários profissionais, incluindo artistas, escritores, trabalhadores, agricultores, pastores, mães criando filhos, pais ensinando meninos, padres abençoando afilhados, professores orientando aprendizes, irmãos ajudando irmãos mais novos, lavadeiras lavando, pedreiros construindo, médicos curando, cozinheiros cozinhando e vaqueiros ordenhando vacas, equalizando a relevância que profissões tidas como de muito ou pouco prestígio teriam no Brasil que vem aí. Como antropólogo e historiador, Freyre ressalta a importância da contribuição e do esforço coletivo necessário para construir e sustentar um Brasil próspero e harmonioso.

Mãos brasileiras  
brancas, morenas, pretas, pardas, roxas  
tropicais  
sindicais  
fraternais.

Eu ouço as vozes  
eu vejo as cores  
eu sinto os passos  
desse Brasil que vem aí.

Freyre celebra a diversidade da sociedade brasileira e a unidade que pode ser alcançada por meio de propósitos comuns e valores compartilhados. A menção de tropical e sindicalizado enfatiza a singularidade da experiência brasileira, bem como a importância da solidariedade e da cooperação. O poema conclui reiterando o envolvimento do poeta com o Brasil em evolução. Freyre reafirma sua receptividade às vozes, cores e passos do futuro Brasil que se desenha no horizonte. Expressa um sentimento de otimismo, antecipação e participação ativa na formação do destino da nação. A conexão pessoal de Freyre com o Brasil emergente reflete seu profundo envolvimento e compromisso com a transformação do país, trazendo consigo a perspectiva de alguém com alto grau de instrução e vivência em outras culturas, o que o permite despejar em seus versos a visão de quem vê o cenário brasileiro por dentro e por fora, ao mesmo tempo.

No geral, "O outro Brasil que vem aí" é um poema instigante que encapsula a visão de Freyre para um Brasil mais inclusivo, diverso e unido, apesar de não discorrer sobre responsabilidades históricas, criticar o passado colonial, nem tampouco contribuir pragmaticamente para o alcance desse Brasil imaginário. Ainda assim, Freyre desafia os paradigmas existentes, promove a agência individual, enfatiza o valor de diferentes habilidades e perspectivas e exige liderança ética e esforço coletivo. Cada verso contribui

para o tema geral de um Brasil que abraça sua diversidade, capacita seu povo e trabalha em conjunto para um futuro melhor.

### **O sentir mestiço**

Na mesma época em que tanto acontecia no Brasil, um outro povo, partilhante de herança colonial equivalente, se via sob demandas semelhantes de construção de uma nova identidade social: o povo cubano. Nicolás Guillén, uma das figuras mais proeminentes da literatura afro-cubana e caribenha, teve um profundo impacto na poesia local durante seus anos de formação. Desde seus primeiros trabalhos até os quarenta anos de idade, a poesia de Guillén não apenas exibiu seu talento excepcional, mas também mergulhou em temas de raça, identidade, justiça social e a diáspora africana. Através de suas palavras poderosas e versos rítmicos e musicalizados, Guillén emergiu como um pioneiro da poesia afro-cubana e uma voz proeminente do movimento Negrista em Cuba.

Sendo parte de uma família racialmente mestiça, ele foi profundamente influenciado pela rica herança cultural da diáspora africana e pelas lutas enfrentadas pelos afro-cubanos em uma sociedade historicamente marcada pela discriminação racial. Os primeiros trabalhos de Guillén, particularmente sua coleção "Motivos de Son", publicada em 1930, exemplificam sua exploração da cultura afro-cubana e do Son, um popular gênero musical afro-cubano. Esta coleção o estabeleceu como um dos principais poetas da experiência afro-cubana.

A poesia de Guillén, entre as décadas de 1920 e 1930, foi caracterizada por uma fusão única de formas poéticas tradicionais espanholas – fórmula esta que seria rechaçada por Gilberto Freyre, em sua repulsa à tradicional formalidade escrita europeia

– com ritmos afro-cubanos, resultando em um movimento literário distinto conhecido como "afrocubanismo". Ele habilmente incorporou elementos do Son, rumba e outras tradições musicais afro-cubanas em sua poesia, infundindo-os com uma energia vibrante e rítmica. Seus versos pulsavam com as batidas e cadências da música afro-cubana, cativando leitores e ouvintes.

Na casa dos 30 anos, Guillén continuou a refinar seu estilo poético enquanto expandia a amplitude de suas explorações temáticas. Sua coleção "Sóngoro cosongo" (1931) solidificou ainda mais sua reputação como uma força literária. Os poemas dessa coleção mostraram o jogo de palavras inventivo de Guillén, ritmos intrincados, e uso dinâmico da linguagem. Ele empregou dialetos, gírias afro-cubanas e até criou seu próprio vocabulário, enriquecendo sua poesia com uma vibrante tapeçaria linguística.

Ao longo da primeira metade de sua vida, a poesia de Guillén se concentrou principalmente em celebrar a beleza, a resiliência e as contribuições culturais do povo afro-cubano. A poesia de Guillén retratava vividamente as experiências cotidianas dos afro-cubanos, lançando luz sobre suas lutas e aspirações. Como explica Arnedo-Gómez, Guillén explorou temas como trabalho, pobreza, desigualdade racial e a busca pela liberdade. Em sua coleção "West Indies, Ltd." (1934), Guillén mergulhou nas condições socioeconômicas predominantes na região do Caribe, expondo a exploração e a opressão enfrentadas por seus habitantes. Seu poema "El mulo" ("A mula") é uma evidente crítica ao colonialismo e ao tratamento desumanizador designado aos trabalhadores negros (17).

Ainda em "West Indies, Ltd." Guillén abraçou sua herança africana e procurou desafiar os estereótipos e a discriminação predominantes enfrentados pelas

comunidades negras em seu país. Seu poema "Balada de los Dos Abuelos" ("Balada dos Dois Avós"), publicado em 1934, é uma exploração comovente de sua herança mista, entrelaçando as linhagens de seus ancestrais africanos e espanhóis, como veremos a seguir:

"Balada de los dos abuelos"

Sombras que sólo yo veo,  
me escoltan mis dos abuelos.

Lanza con punta de hueso,  
tambor de cuero y madera:  
mi abuelo negro.

Gorguera en el cuello ancho,  
gris armadura guerrera:  
mi abuelo blanco.

Pie desnudo, torso pétreo  
los de mi negro;  
pupilas de vidrio antártico  
las de mi blanco!

Africa de selvas húmedas  
y de gordos gongos sordos...

--¡Me muero!

(Dice mi abuelo negro.)

Aguaprieta de caimanes,  
verdes mañanas de cocos...

--¡Me canso!

(Dice mi abuelo blanco.)

Oh velas de amargo viento,  
galeón ardiendo en oro...

--¡Me muero!

(Dice mi abuelo negro.)

¡Oh costas de cuello virgen  
engañadas de abalorios...!

--¡Me canso!

(Dice mi abuelo blanco.)

¡Oh puro sol repujado,  
preso en el aro del trópico;  
oh luna redonda y limpia  
sobre el sueño de los monos!  
¡Qué de barcos, qué de barcos!  
¡Qué de negros, qué de negros!  
¡Qué largo fulgor de cañas!  
¡Qué látigo el del negrero!  
¿Sangre? ¿Sangre. ¿Llanto? Llanto...  
venas y ojos entreabiertos,  
y madrugadas vacías,  
y atardeceres de ingenio,  
y una gran voz, fuerte voz,

despedazando el silencio.  
¡Qué de barcos, qué de barcos,  
qué de negros!  
Sombras que sólo yo veo,  
me escoltan mis dos abuelos.  
Don Federico me grita  
y Taita Facundo calla;  
los dos en la noche sueñan  
y andan, andan.  
Yo los junto.  
--¡Federico!  
¡Facundo! Los dos se abrazan.  
Los dos suspiran. Los dos  
las fuertes cabezas alzan;  
los dos del mismo tamaño,  
bajo las estrellas altas;  
los dos del mismo tamaño,  
ansia negra y ansia blanca,  
los dos del mismo tamaño,  
gritan, sueñan, lloran, cantan.  
Sueñan, lloran, cantan.  
Lloran, cantan.  
¡Cantan!"

O título do poema começa estabelecendo os dois avós – o avô africano do poeta, e seu avô espanhol – como figuras representativas que incorporam os aspectos contrastantes da linhagem de Guillén, além de nos indicar a forma narrativa, uma vez que “Balada” pode ser entendida como uma canção que canta, narra a história de seus avós. É interessante notar que em nenhum momento ao longo do poema, as populações indígenas são incluídas na equação narrativa, o que pode ser atribuído à forma violenta de colonização espanhola na ilha de Cuba, que introduziu o tráfico negreiro ao território após dizimar as populações nativas em tentativas frustradas de submetê-los ao trabalho forçado.

Sombras que sólo yo veo,  
me escoltan mis dos abuelos.  
Lanza con punta de hueso,  
tambor de cuero y madera:  
mi abuelo negro.  
Gorguera en el cuello ancho,  
gris armadura guerrera:  
mi abuelo blanco.

Nos primeiros versos desse poema, podemos notar o uso de simbolismo por Guillén, em que a palavra “Sombras” é representativa dos espíritos, ou seja, das memórias, relatos e registros históricos de seus ancestrais, abrindo a narrativa com uma das temáticas principais, as relações familiares interracialis. Há, também, linguagem conotativa com o emprego do verso “me escoltan mis dos abuelos”, simbolizando um carácter protetivo que a ancestralidade mestiça lhe garante pela união da história dos

seus avós. Quando posto em contexto, podemos inferir que Guillén esteja lançando mão das crenças religiosas cubanas – fruto do sincretismo cultural e religioso resultante da mestiçagem racial ocasionado pelo processo colonial – que acreditam que os espíritos de seus ancestrais os protegem ao longo da vida.

Nos versos seguintes, Guillén usa de metonímia para fazer alusão à instrumentos de caça e combate utilizados por povos africanos, assim como instrumentos musicais produzidos com couro e madeira, estabelecendo a forte conexão cultural existente entre seu avô negro e sua vivência mestiça. Em contraposto às referências africanas, Guillén lança mão novamente de itens icônicos da vestimenta e do aparato de combate do período colonial espanhol para se referir ao avô branco, quando diz “Gorguera en el cuello ancho / gris armadura guerrera: mi abuelo blanco.” Há uma antítese evidente entre os personagens dos avós, empregada para embasar o enredo de diferenças históricas que existem entre eles.

Pie desnudo, torso pétreo  
los de mi negro;  
pupilas de vidrio antártico  
las de mi blanco!

A justaposição estética entre os avós de Guillén, que também participa da narrativa como neto e narrador, segue destacada nessa estrofe. Desta vez, contudo, há o uso de uma nova figura de linguagem, sinédoque – um tipo especial de metonímia, em que são descritas partes dos corpos dos avós, evidenciando a característica imagética deste poema. Nesses versos, o poeta nos permite alcançar uma construção visual de cada um dos seus avós por meio da descrição poética de determinados traços físicos,

como os pés descalços e torço negro de seu avô africano, em contraste aos olhos azuis de seu avô europeu. Ao unirmos o imagético trazido por Guillén na estrofe anterior, quando se referiu ao uso de vestimentas nobres na descrição de seu avô europeu, com os pés descalços e torço desnudo de seu avô africano, também podemos perceber o caráter de denúncia de disparidade de classes sociais e poderio econômico que cada lado de sua ancestralidade representa na sociedade cubana da época.

Africa de selvas húmedas

y de gordos gongos sordos...

Nesta próxima estrofe, Guillén ambientaliza o texto e seu contexto: há uma ruptura no processo descritivo antitético dos personagens dos avós, e agora o autor nos localiza no contexto geográfico da narrativa. Guillén continua com a construção imagética do enredo, nos provendo detalhes sobre a geografia, em “Africa de selvas húmedas”, e cultura africana, em “y de gordos gongos sordos” – utilizando-se de onomatopeia e aliteração (letras “g” e “o”) para reproduzir musicalmente o som produzido pelos tambores de madeira e couro mencionados em verso anterior – de onde seu avô negro seria traficado.

--¡Me muero!

(Dice mi abuelo negro.)

Aguaprieta de caimanes,

verdes mañanas de cocos...

--¡Me canso!

(Dice mi abuelo blanco.)

Oh velas de amargo viento,

galeón ardiendo en oro...

Agora geograficamente situados, Guillén nos apresenta ao diálogo polifônico entre o avô negro e o avô branco, evidenciando no texto a voz poética que nos narra os ocorridos, o neto. O uso de parênteses nos ajuda a identificar que voz que está sendo ouvida, como se faria em um texto teatral – outra característica vanguardista usada pelo autor para indicar quebra com o padrão de escrita poética regente. A paisagem africana é, outra vez, trazida ao imaginário do leitor por meio da descrição e do cromatismo de paisagens naturais associadas ao continente africano, como em “Aguaprieta de caimanes, / verdes mañanas de cocos...” Ao tratar-se do seu avô branco, Guillén constrói a imagem visual de uma vela negreira de “amargo viento”, empregando juízo de valor negativo ao tráfico negreiro promovido pelos colonizadores europeus, além de medir o valor da humana aprisionada em seu porão quando diz “galeón ardiendo en oro...”

O poeta usa de anáfora e duplicação com os versos “¡Me muero!” – ditas pelo avô negro, e “¡Me canso!” – repetidas pelo avô branco. Há, portanto, margem para interpretação de que na dinâmica de poder estabelecida pelo imperialismo colonial, o negro africano escravizado, neste poema representado pelo avô negro, há a sensação de morte ao ser extraído de seu habitat de origem e ser coibido de sua liberdade. Em contrapartida, o cansaço enunciado pelo avô branco pode se dever às longas viagens percorridas entre a Europa, a África e as Américas no processo de sequestro e contrabando de indivíduos para o trabalho forçado.

--¡Me muero!

(Dice mi abuelo negro.)

¡Oh costas de cuello virgen

engañadas de abalorios...!

--¡Me canso!

(Dice mi abuelo blanco.)

¡Oh puro sol repujado,

preso en el aro del trópico;

oh luna redonda y limpia

sobre el sueño de los monos!

Guillén segue a dualidade do diálogo nos permitindo enxergar pela perspectiva de cada um dos agentes da narrativa da história ancestral carregada pelo poema: o avô negro se refere ao Novo Mundo por meio do emprego de metáfora, quando diz “¡Oh costas de cuello virgen / engañadas de abalóricos...!”. Nesses versos, a virgindade das novas terras se dá pelo fato de serem territórios recém-invadidos, e o avô ainda menciona o fato de os nativos terem sido enganados pelos colonizadores, quando trocaram metais e pedras preciosas por itens comuns e de baixo valor comercial, justamente por não saberem da natureza enganosa das negociações.

Sob a visão do avô branco, a ilha caribenha era sinônimo de intenso calor devido à sua localização geográfica tropical, e de céu limpo ao anoitecer, de onde se podia observar a Lua, e se sonhar com as riquezas trazidas pela monocultura – uma referência ao amplo período de exploração econômica da ilha de Cuba, onde os colonizadores forçaram o trabalho escravo principalmente em plantações de algodão e cana-de-açúcar. Guillén reforça a ideia de que as preocupações que permeavam os povos africanos e os colonizadores eram imensamente distintas, impondo ao conteúdo poético ainda mais valor histórico.

¡Qué de barcos, qué de barcos!

¡Qué de negros, qué de negros!

¡Qué largo fulgor de cañas!

¡Qué látigo el del negrero! Nesta estrofe, o poeta lança mão de anáfora e reduplicação não somente para inserir musicalidade ao poema, mas também para expandir o entendimento dos acontecimentos históricos atrelados aos eventos narrados. A repetição dos versos “¡Qué de barcos, qué de barcos! / ¡Qué de negros, qué de negros!” nos remete às múltiplas viagens feitas por navios negreiros ao longo de três séculos de escravidão, e aos milhões de negros africanos que foram trazidos para as Américas para o trabalho forçado.

Em “¡Qué largo fulgor de cañas! / ¡Qué látigo el del negrero!”, Guillén se refere diretamente ao uso de mão de obra escravizada nos canaviais de açúcar em Cuba – principal monocultura da sua região de origem, Camagüey – e a chibata – instrumento utilizado por senhores de escravos e seus servos para punir e ferir violentamente as pessoas escravizadas tanto no transporte entre a África e o Caribe, quanto nas fazendas de plantações. Há constantemente no poema de Guillén a recuperação da memória viva da escravidão, e o contrastes entre a experiência do colonizador e do colonizado.

¿Sangre? ¿Sangre? ¿Llanto? Llanto...

venas y ojos entreabiertos,

y madrugadas vacías,

y atardeceres de ingenio,

y una gran voz, fuerte voz,

despedazando el silencio.

A exposição da violência física e psicológica imposta às pessoas escravizadas também se torna visual e auditiva em “Balada de los dos abuelos”. A reduplicação é utilizada novamente para enfatizar a frequência dos abusos sofridos por aqueles traficados para o trabalho forçado, além de nos permitir reproduzir pelo imaginário visual a condição de sofrimento de se viver em um engenho de açúcar. É evidente em Guillén que nos versos “una gran voz, fuerte voz, / despedazando el silencio.” nos deparamos com os gritos de dor daqueles que foram açoitados, gritos que ressoavam dia e noite.

¡Qué de barcos, qué de barcos,  
qué de negros!  
Sombras que sólo yo veo,  
me escoltan mis dos abuelos

Anáfora e reduplicação são empregadas mais uma vez para dar dimensão temporal ao poema, reforçando a ideia da imensa quantidade de barcos, viagens e aprisionados que fizeram parte da construção da história não somente de Cuba, mas de todas as Américas. Por ser de linhagem mestiça, em “Sombras que sólo yo veo, me escoltan mis dos abuelos” Guillén se põe como portador de ambas as heranças, e parece ver em si uma figura agregadora de bagagens culturais outrora antagônicas.

Don Federico me grita  
y Taita Facundo calla;  
los dos en la noche sueñan  
y andan, andan.  
Yo los junto.”

Nesta estrofe, finalmente seus avós são nomeados. Como inferido pela narrativa narrada pelo neto mestiço – a voz poética de Guillén nesse poema, “Don Federico” é o nome de seu avô branco, e se refere a ele com o título Senhor, simbólico de nobreza, de comando, de alto padrão social e responsabilidade política. Quanto ao avô negro, Facundo, Guillén o chama por Taita, como costumeiramente se chamam os avós pelos cubanos de descendência africana. No processo de nomeação, está descrita também a dinâmica de poder e controle em que “Don Federico grita / y Taita Facundo calla.” Contudo, o tom agregador da narrativa do poema se torna mais evidente quando Guillén apresenta denominadores comuns aos avós: “los dos en la noche sueñan / y andan, andan / Yo los junto.” Esses versos ilustram como o neto, Guillén, se apresenta como o resultado aglutinador do processo histórico que houvera descrito anteriormente no poema: as duas faces da moeda se tornaram uma.

--¡Federico!

¡Facundo! Los dos se abrazan.

Los dos suspiran. Los dos

las fuertes cabezas alzan;

los dos del mismo tamaño,

bajo las estrellas altas;

los dos del mismo tamaño,

ansia negra y ansia blanca,

los dos del mismo tamaño,

gritan, sueñan, lloran, cantan.

Sueñan, lloran, cantan.

Lloran, cantan.

¡Cantan!

A culminação do desejo de Guillén para a continuação da história de seu país se encontra aqui, nos últimos versos. Já desprovidos de títulos sociais e hierarquizações, Federico e Facundo se encontram, se abraçam e se unem. O nascimento do neto é o vetor de encontro de culturas díspares, da unificação da herança ancestral de ambos os lados, sem deixar de lado as memórias do passado. Como repetido em três versos, “los dos de lo mismo tamanho”, e que, a partir de agora, passariam pelo processo evolutivo conjunto descrito em “Balada” na gradual sequência de verbos “gritan, sueñan, lloran, cantan”, até que deixem de gritar, e então “sueñan, lloran, cantan”. Daí então, já unificados em um propósito de país, sejam aqueles que só “¡Cantan!”.

O poema serve como uma crítica à superioridade racial e aos efeitos duradouros das injustiças históricas. A linguagem evocativa de Guillén, incluindo metáforas e descrições vívidas, transmite a complexidade da identidade racial e o impacto do colonialismo nas vidas individuais. Ele explora temas de memória, história e transmissão intergeracional de traumas.

Além disso, o poema de Guillén pode ser visto como um apelo à unidade e compreensão, exortando os leitores a abraçar e celebrar sua herança diversa. O poema desafia a noção de escolher um lado da ancestralidade em detrimento do outro e, em vez disso, defende o reconhecimento e a valorização de ambas as origens culturais. Guillén convida os leitores a refletir sobre sua própria herança mista e as complexidades de suas próprias identidades.

Por fim, "Balada de los dos abuelos" é um poema introspectivo e instigante que investiga temas de identidade racial, injustiça histórica e a complexidade da herança cultural. Imagens poderosas de Guillén, descrições contrastantes e linguagem evocativa criam uma exploração convincente da ascendência mista do poeta e o legado da escravidão e da colonização. O poema pede empatia, unidade e o reconhecimento da humanidade compartilhada, desafiando os leitores a confrontar os legados divisores do passado e abraçar a riqueza de sua herança cultural diversificada.

## CHAPTER 5

### FINAL NOTES

A influência do contexto social na escrita dos poetas é multifacetada e profunda, revelando a intrincada relação entre arte e sociedade. Ao longo da história, escritores e poetas como Gilberto Freyre e Nicolás Guillén têm sido observadores e intérpretes perspicazes de seus ambientes sociais, capturando a essência de seu tempo e refletindo a consciência coletiva de suas comunidades.

Ao examinar a interação entre contexto social e poesia, obtemos uma compreensão mais profunda do poder da poesia como meio de expressão e comentário social. Os poetas não são receptores passivos de seus arredores; eles se envolvem ativamente com o mundo, canalizando seus pensamentos, emoções e observações em suas obras. Através da poesia, eles destilam as complexidades da experiência humana, trazendo à superfície narrativas silenciadas, desafiando as ideologias predominantes e oferecendo visões alternativas da sociedade, cada um à sua maneira, e servindo ao propósito social a que se devotam.

O impacto dos eventos históricos na poesia se faz evidente em como os poetas respondem a momentos de crise, reviravolta ou transformação social. Seja a devastação da guerra, a busca por liberdade e justiça, ou a exploração da coletividade da identidade nacional, poetas como Freyre e Guillén atuam como testemunhas e intérpretes de seu tempo. Seus escritos tornam-se um testemunho dos triunfos, lutas e aspirações de suas

respectivas sociedades, servindo como uma ponte entre o passado, o presente, e o que aspiram para o futuro.

As influências culturais trazidas pelo histórico colonial moldam a paisagem poética, pois os poetas se inspiram em sua herança cultural, idioma e tradições artísticas ao poetizar o seu viver. Ao abraçar suas raízes culturais, os poetas infundem em suas obras um senso de identidade e exploram temas universais por meio de lentes culturais distintas. Nos poemas analisados aqui, Freyre e Guillén celebram a diversidade, desafiam estereótipos e criam espaços de diálogo e compreensão, mas partindo de pontos de vista distintos.

Como discutido nos capítulos anteriores, Gilberto Freyre desempenhou um papel fundamental na formação do discurso sobre raça, cultura e identidade no Brasil. Sua escrita, acadêmica e poética, desafiou as antigas noções de hierarquia racial e defendeu uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Este estudo não apenas questionou as atitudes, intenções predominantes nos primeiros anos de produção lírica de Freyre, mas também ofereceu uma nova perspectiva sobre como a complexa história de mistura racial do Brasil teve efeito na mensagem transmitida pelo autor. Embora Freyre seja mais conhecido por seus escritos sociológicos, sua poesia também merece atenção.

Embora menos reconhecidos que suas obras sociológicas, os versos líricos de Freyre exibiam uma profunda compreensão da história, cultura e folclore brasileiros. Em sua poesia, ele costumava celebrar a beleza natural da paisagem brasileira enquanto explorava temas de amor, nostalgia e identidade. As contribuições poéticas de Freyre, embora ofuscadas por suas realizações sociológicas, demonstram sua capacidade de captar a essência da sociedade brasileira por meio do poder da linguagem.

Como pudemos perceber na dinâmica poética de Gilberto Freyre, manifestada e analisada neste estudo em “O outro Brasil que vem aí”, seus anos formativos permeados no privilégio de pertencer à elite se manifestam na escolha universalista e positivamente inclusiva de personagens históricas por vezes antagônicas, alicerçando a ideia de democracia racial a ser construído no novo Brasil que nascia a partir do processo de descolonização.

Nicolás Guillén, por outro lado, foi um notável poeta e ensaísta cubano que fez contribuições significativas à literatura afro-cubana e ao movimento mais amplo do *Negrismo*. A poesia de Guillén tornou-se uma voz marcante para a comunidade afro-cubana, expressando suas experiências e lutas pessoais enquanto celebrava sua rica herança cultural. Por meio de suas obras, Guillén defendeu a justiça social e a igualdade, enfrentando a discriminação racial de frente, promovendo também o resgate da memória viva que a história de seu país deixou marcada na vida dos cubanos.

Seus poemas ressoam com os leitores ao capturar os ritmos da música afro-cubana e empregar a linguagem vernacular para criar um estilo poético distinto e poderoso. Em “Balada de los dos abuelos”, Guillén nos narra não somente a história da linhagem que culminou com a sua própria existência com um cubano mestiço, mas ao mesmo tempo nos guia pela trajetória de todo o seu povo, que vive dividido entre as evidentes barreiras raciais, sem se esquecer ou diminuir o valor dos eventos de outrora.

Os regimes políticos de Brasil e Cuba, sejam eles repressivos ou democráticos, também marcam os poetas e seus escritos. Em regimes opressores, por exemplo, a poesia torna-se um ato de resistência, uma ferramenta de subversão e preservação da verdade diante da censura. Os poetas navegam corajosamente pelos limites da

linguagem, empregando metáforas, alegorias e mensagens codificadas para transmitir sua discordância. Sua poesia se torna uma forma de resiliência, desafiando o controle autoritário e afirmando o espírito indomável da criatividade humana.

A poesia e os movimentos sociais estão intimamente interligados, pois os poetas muitas vezes se tornam catalisadores de mudança e progresso social. Eles dão voz aos marginalizados, desafiam os sistemas opressores e estimulam a ação coletiva. Por meio de sua poesia, inspiram empatia, fomentam a solidariedade e alimentam o imaginário das gerações futuras. Nos anos seguintes ao período temporal analisado neste estudo, as contribuições de Guillén foram além da literatura, tornando-se uma figura influente na esfera política, alinhando-se com a Revolução Cubana e dedicando seu trabalho à libertação dos povos oprimidos. Seu legado como poeta e defensor social continua a inspirar gerações de escritores e intelectuais.

Embora Freyre e Guillén abordassem seus temas de diferentes perspectivas e lidassem com contextos sociais distintos, há paralelos notáveis entre suas obras e vidas. Ambos os escritores estavam profundamente envolvidos com a questão da raça e suas implicações dentro de suas respectivas sociedades. Eles buscaram dismantlar os estereótipos raciais, desafiar a opressão sistêmica e enfatizar as contribuições das comunidades marginalizadas. Além disso, tanto Freyre quanto Guillén podem ser considerados pioneiros em seus campos, pois abriram novos caminhos para gerações subsequentes de escritores e pensadores explorarem ainda mais esses importantes temas.

Este estudo lançou luz sobre a complexidade e a riqueza dos legados literários deixados por Gilberto Freyre e Nicolás Guillén em “O outro Brasil que vem aí” e “Balada

de los dos abuelos”, buscando apontar diferenças de abordagem em congruências temáticas. Suas obras continuam a ressoar com os leitores de hoje, fornecendo *insights* profundos sobre a dinâmica social e cultural da América Latina. Ao examinar suas vidas e poesias, obtivemos uma compreensão mais profunda do poder da literatura para desafiar as normas sociais, elevar as vozes marginalizadas e contribuir para a construção de sociedades mais inclusivas.

No entanto, é fundamental reconhecer que este estudo apenas nos permite “um olhar pela fechadura” dos extensos corpos de trabalho produzidos por Freyre e Guillén. Pesquisas e análises adicionais poderiam aprofundar aspectos adicionais de seus escritos, como seu envolvimento com a política, suas influências nas gerações subsequentes de escritores ou a recepção de suas obras em diferentes contextos culturais. A expansão desses aspectos contribuiria para uma compreensão mais abrangente do profundo impacto que Freyre e Guillén tiveram na literatura e na sociedade de seus respectivos países.

Estudar Gilberto Freyre e Nicolás Guillén nos permitiu apreciar a riqueza e a diversidade da literatura latino-americana. Essas duas figuras se destacam como intelectuais em seus países, marcando as paisagens literárias e intelectuais do Brasil e de Cuba. Ao examinar suas vidas e poesia, somos lembrados do poder transformador da literatura e sua capacidade de desafiar as narrativas predominantes, defender a justiça social e celebrar a complexidade da experiência humana. O duradouro legado de Freyre e Guillén serve de inspiração para futuras gerações de escritores, acadêmicos e ativistas sociais, os desafiando a aproveitar o poder da linguagem e da expressão artística em sua busca por um mundo mais inclusivo e igualitário.

## REFERENCES

- Afolabi, O. "Gilberto Freyre: : The Poetic Optics of His Lusotropicalist Imagination".  
*Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, vol. 11, no. 2, Apr. 2023, pp. 98-136,  
<https://tidsskrift.dk/bras/article/view/131939>. Acesso em: 14 Mar 2023.
- Arnedo-Gómez, Miguel. "The Afrocubanista Poetry of Nicolás Guillén and Ángel Rama's  
Concept of Transculturation." *Afro-Hispanic Review*, vol. 26, no. 2, 2007, pp. 9–  
25. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/23054617>. Acesso em: 12 Out 2022
- Arnedo-Gómez, Miguel. "Uniting Blacks in a Raceless Nation: Afro-Cuban  
Reformulations of Afrocubanismo and Mestizaje in 1930s Cuba." *Journal of  
Iberian and Latin American Studies*, vol. 18, no. 1, 2012, pp. 33–59.
- Assunção, Matthias Röhrig, and Michael Zeuske. "'Race', Ethnicity and Social Structure  
in 19th Century Brazil and Cuba." *Ibero-Amerikanisches Archiv*, vol. 24, no. 3/4,  
1998, pp. 375–443. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/43392789>. Acesso em:  
24 Mai 2023.
- Augier, Ángel. *Vida y Obra de Nicolás Guillén*. Pueblo y Educación, 2002.
- Ayala, Cesar J. "Social and economic aspects of sugar production in Cuba, 1880-1930."  
*Latin American Research Review*, vol. 30, no. 1, winter 1995, pp. 95+. *Gale  
Academic OneFile*,  
[link.gale.com/apps/doc/A16737351/AONE?u=nysl\\_oweb&sid=googleScholar&xid  
=8b596905](http://link.gale.com/apps/doc/A16737351/AONE?u=nysl_oweb&sid=googleScholar&xid=8b596905). Acesso em: 10 Mai 2023.

- Bandeira, Manuel. *Casa-Grande & Senzala, Auto-caricatura de Gilberto Freyre*. Rio de Janeiro, 1945.
- Barbosa, João Alexandre. “O Pensamento Literário de Gilberto Freyre”, in *Cult.* ano III, número 32. São Paulo, Lemos, mar./2000.
- Beidler, Philip. “‘Mambises’ in Whiteface: U.S. versus Cuban Depictions of Freedom Fighters in the War of Independence against Spain.” *American Studies*, vol. 52, no. 2, 2013, pp. 89–101. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/41809733>. Acesso em: 04 Abr 2023.
- Bieber, Judy. “Race, Resistance, and Regionalism: Perspectives from Brazil and Spanish America.” *Latin American Research Review*, vol. 32, no. 3, 1997, pp. 152–68. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/2504003>. Acesso em: 27 Fev 2023.
- Bush, Roland E. “Cuba’s Nicolás Guillén As Poet of Negritude.” *Afro-Hispanic Review*, vol. 4, no. 2/3, 1985, pp. 5–10. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/23053870>. Acesso em: 22 Jan 2023.
- Chacón, Vamireh. *Gilberto Freyre: Uma Biografia Intelectual*. Fundação Joaquim Nabuco, 1993.
- De, Albuquerque Jr. Durval Muniz. *A Invenção Do Nordeste e Outras Artes*. Cortez Editora, 2012.
- Deere, Carmen Diana. “Here Come the Yankees! The Rise and Decline of United States Colonies in Cuba, 1898-1930.” *The Hispanic American Historical Review*, vol. 78, no. 4, 1998, pp. 729–65. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/2518425>. Acesso em: 08 Jun 2023.

- Dimas, A. “Prefácio”, de Gilberto Freyre. *Manifesto Regionalista*. Recife, Massangana, 1996.
- Fleites-Lear, Marisela. “The Cultures of the Hispanic Caribbean. Edited by Conrad James and John Perivolaris. Gainesville: University Press of Florida, 2000. Pp.xvi, 280. Notes. Bibliography. Index. \$55.00 Cloth.” *The Americas*, vol. 61, no. 3, 2005, pp. 530–531., doi:10.1353/tam.2005.0017.
- Freyre, Gilberto, et al. *Casa Grande & Senzala*. Allca XX, 2002.
- Graham, Richard, et al. *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940*. University of Texas Press, 1990.
- Guerra, Sergio, and Oscar Loyola Vega. *Cuba: A History*. Ocean Press, 2010.
- Nicolazzi, F. “As Virtudes Do Herege: Ensaio, Modernismo E Escrita Da história Em Casa-Grande & Senzala”. *Remate De Males*, vol. 31, nº 1-2, agosto de 2012, p. 255-82, doi:10.20396/remate.v31i1-2.8636233.
- Pérez, Louis A. “Politics, Peasants, and People of Color: The 1912 ‘Race War’ in Cuba Reconsidered.” *The Hispanic American Historical Review*, vol. 66, no. 3, 1986, pp. 509–39.
- Pérez, Louis A. “Supervision of a Protectorate: The United States and the Cuban Army, 1898- 1908.” *The Hispanic American Historical Review*, vol. 52, no. 2, 1972, pp. 250–71. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/2512430>. Acesso em: 24 Abr 2023.
- Ramos Junior, J. de P. “O Jovem Gilberto Freyre”. *Revista USP*, nº 88, fevereiro de 2011, p. 156-71, doi:10.11606/issn.2316-9036.v0i88p156-171.
- Ribeiro, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido Do Brasil*. Companhia Das Letras, 2008.

Richard Drayton. "Gilberto Freyre and the Twentieth-Century Rethinking of Race in Latin America." *Portuguese Studies*, vol. 27, no. 1, 2011, pp. 43–47. *JSTOR*, <https://doi.org/10.5699/portstudies.27.1.0043>. Acesso em: 27 Abr 2023.

Santamarina, Juan C. "The Cuba Company and the Expansion of American Business in Cuba, 1898-1915." *The Business History Review*, vol. 74, no. 1, 2000, pp. 41–83. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/3116352>. Acesso em: 06 Mai 2023.

Schwarcz, Lilia Moritz, and Starling Heloisa Maria Murgel. *Brasil: Uma Biografia*. Companhia Das Letras, 2018.

Skidmore, Thomas E. "The Historiography of Brazil, 1889-1964: Part I." *The Hispanic American Historical Review*, vol. 55, no. 4, 1975, pp. 716–48. *JSTOR*, <https://doi.org/10.2307/2511951>. 20 Abr 2023.